

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

MARTA DA CONCEIÇÃO BINZA QUILOBO

**A COMERCIALIZAÇÃO INFORMAL DE PRODUTOS HORTICOLAS NO
MERCADO DO CATINTON EM LUANDA**

CRICIÚMA/SC

2018

MARTA DA CONCEIÇÃO BINZA QUILOBO

**A COMERCIALIZAÇÃO INFORMAL DE PRODUTOS HORTICOLAS NO
MERCADO DO CATINTON EM LUANDA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel em Ciências Econômicas, no curso de Ciências Econômicas da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Dr. Dimas de Oliveira Estevam

CRICIÚMA/SC

2018

MARTA DA CONCEIÇÃO BINZA QUILOBO

**A COMERCIALIZAÇÃO INFORMAL DE PRODUTOS HORTICOLAS NO MERCADO
DO CATINTON EM LUANDA**

Criciúma, 22 de Junho.de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dimas de Oliveira Estevam - Doutor - (UNESC) - Orientador

Prof. Liara Darabas Ronçani - Mestre - (UNESC)

Prof. Rafael Rodrigo Muller - Doutor - (UNESC)

DEDICATORIA

Dedico esta monografia aos meus familiares por terem me dado todo apoio necessário para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo agradeço a Deus, pela saúde e sustento para concluir esta jornada.

Agradeço aos meus familiares, em especial a minha mãe Formosa Binza e irmão Antônio Binza Quilobo, que mesmo longe, sempre estiveram ao meu lado, apoiando e incentivando a estudar. Também estendo os meus agradecimentos a Antónica Binza Quilobo e Jaime Monteiro Quilobo que voluntariamente realizaram as entrevistas, com base na coleta de dados, foi possível alcançar os objetivos deste trabalho.

Aos meus orientadores, professor Dimas Estavam de Oliveira e professora Natália Martins Gonçalves, aos professores da disciplina de monografia que me instruíram durante a elaboração da presente pesquisa.

Aos meus colegas e amigos, que tornaram os quatro anos de formação um momento único e especial.

A todos membros da instituição que direta ou indiretamente contribuíram na elaboração deste trabalho.

“O que as suas mãos tiverem que fazer, que o façam com toda a sua força, pois na sepultura, para onde você vai, não há atividade nem planejamento, não há conhecimento nem sabedoria”. Eclesiastes 9:10

RESUMO

O objetivo do estudo consistiu em apresentar os aspectos econômicos e sociais que influenciam a existência da comercialização informal de produtos hortícolas no mercado de Catinton, em Luanda. Conforme a definição de Milton Santos, o trabalho foi desenvolvido a partir da compreensão de que a Feira Catinton constitui uma das manifestações do circuito inferior da economia urbana, nos países em desenvolvimento. O procedimento metodológico utilizado na pesquisa foi de natureza exploratória e descritiva. Para a realização do estudo, foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais. Além disso, foram realizadas entrevistas com 23 mulheres, diretamente envolvidas no comércio de hortícolas. A escolha das entrevistadas foi por acessibilidade e por disponibilidade das comerciantes. Por meio dos resultados obtidos, verificou-se que os elementos do circuito inferior estão presente em todos os aspectos da Feira Catinton, desde o funcionamento até o comportamento dos agentes inseridos no mercado. Além disso, foi possível entender que os aspectos socioeconômicos que influenciam na comercialização informal de produtos hortícolas no mercado Catinton se relaciona com a precariedade que o espaço apresenta, como consequência do crescimento populacional e o nível de pobreza em Luanda. Verificou-se também a existência de um mercado informal, envolvendo a venda e a revenda de hortícolas, tolerado pelas autoridades governamentais, o que pode revelar a limitação na geração de trabalho formal a população de Luanda. Conclui-se que as atividades informais asseguram a sobrevivência de grande parte das famílias luandense.

Palavras-chave: Economia Informal. Setor Informal. Circuito Inferior. Mercado Catinton.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa Político de Angola	31
Figura 2 - Localização geográfica dos três distritos do município de Luanda onde residem as entrevistadas	38
Figura 3 - Imagem de um dos guetos de Luanda (Prenda—Maianga).....	43
Figura 4 - Imagem aérea da Feira do Catinton.....	45
Figura 5 - Imagem externa da Feira do Catinton.....	46
Figura 6 - Vender produtos em baldes e por monte, constitui as principais medidas na Feira Catinton.....	48
Figura 7 - Regiões agrícolas em Angola, que abastecem a Feira Catinton	50
Figura 8 - Feira Catinton: Transporte de mercadorias em carrinhos de mãos.	60
Figura 9 - Feira Catinton: Produtos comercializados em lonas	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Total da população em Angola.....	31
Tabela 2 - classificação em desenvolvimento humano, em 2014	34
Tabela 3: Indicadores Sociais	35
Tabela 4 - População com 15 ou mais anos que sabe ler e escrever, em 2014	36
Tabela 5 - Idade e escolaridade das mulheres entrevistadas, comerciantes de hortícolas na Feira do Catinton	39
Tabela 6 - Estado civil, número de filhos e representação da renda com atividade de hortícolas na Feira do Catinton	41
Tabela 7 - Produtos comercializados na Feira do Catinton, por medida e preço	47
Tabela 8 - Motivos a ingressar no negócio, horas de trabalho e anos de experiência no comércio informal	52
Tabela 9 - Formação de preços, concorrência, rendimento obtido e pagamento de imposto no setor de hortícolas, Feira Catinton.	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
FAO	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
FNLA	Frente Nacional de Libertação de Angola
INE	Instituto Nacional de Estatística
INSS	Instituto Nacional de Segurança Social
JMPLA	Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola
MPLA	Movimento Popular de Libertação de Angola
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
SODAPEC	Sociedade de Desenvolvimento do Pólo Agro-industrial de Capanda
UNITA	União Nacional para a Independência Total de Angola

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA E OS ASPECTOS DA INFORMALIDADE	15
2.1.1 Elementos e características dos dois circuitos: aspectos gerais	16
2.2 O CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA: CARACTERÍSTICAS GERAIS.....	18
2.2.1 A informalidade: aspectos gerais	19
2.2.2 Trabalho, renda e informalidade	22
2.2.3 Agricultura: a construção de um debate do mercado informal no campo do circuito inferior da economia urbana	23
<i>2.2.3.1 Aspectos informais da agricultura: A produção de Hortícolas</i>	23
3 METODOLOGIA	26
3.1 NATUREZA E TIPO DE PESQUISA	26
3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA	27
3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	28
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	30
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA, HISTÓRICA E SOCIECONÔMICA DE ANGOLA/LUANDA).....	30
4.1.1 Breve contextualização geográfica e histórica	30
4.1.2 Indicadores socioeconômicos	33
4.2 A COMERCIALIZAÇÃO INFORMAL DE PRODUTOS HORTICOLAS NO MERCADO DO CATINTON EM LUANDA.....	37
4.2.1 Perfil socioeconômico das entrevistadas	37
4.2.2 Funcionamento do Mercado do Catinton: o circuito inferior	42
4.2.3 Aspectos informais do trabalho no Mercado do Catinton	51
5 CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS	65
APÊNDICE 1 – ROTEIRO DA ENTREVISTA	68

1 INTRODUÇÃO

Luanda é a capital económica e administrativa de Angola, sede das principais instituições políticas, financeiras, sociais e empresariais. Entretanto, o crescimento demográfico tem sido acompanhado por uma ocupação do espaço extensiva e não planificada, gerando um crescimento exponencial da procura de trabalho no setor informal, em função da insuficiência da oferta de trabalho nas instituições públicas e privada.

Durante a caminhada pelas ruas de Luanda, é difícil não se deparar com diversas atividades económicas informais, espalhadas pelos bairros da capital angolana (LOPES, 2006). As atividades informais também conhecida pelos luandenses por *business*, esquemas ou processos, constituem parte principal dos rendimentos para estes habitantes, igualmente fornece bens e serviços de consumo que satisfazem as necessidades das famílias, principalmente as menos favorecidas (LOPES, 2006). Sua importância não se limita simplesmente pela dimensão socioeconómica, mas também pela grandeza social e cultural, sendo que estamos perante as instituições existentes com histórias marcantes na memória da sociedade luandense (LOPES, 2014).

A dinâmica ligada aos mercados de Luanda tem sido uma dinâmica de mutação constante, estabelecida pelas alterações socioeconómicas e políticas que ocorrem no âmbito mais amplo da sociedade onde estão inseridos (LOPES, 2014). Tais mutações não ocorrem apenas nas questões referente ao número de mercados eficientes, ao tamanho ou às funções executadas no âmbito da comercialização e da prestação de serviços, mas também no que concerne às próprias formas de funcionamento e organização dos mercados (LOPES, 2008).

O processo de mudança originou no aparecimento de novas formas de exploração e organização da atividade, novas formas de contratos de emprego e novas formas de organização social. Neste contexto, caracterizam-se por um conjunto de atividades presente em todos os setores, tais como: comércio, prestação de serviços, pequena produção mercantil, agricultura, construção, transportes, setor financeiro. Segundo o autor acima, Algumas destas atividades desenvolvidas por agentes económicos, na economia informal, são identificadas pela linguagem luandense como: candongueiros, kinguilas, roboteiros e zungueiros. As práticas informais, descritas acima, são consequências das mudanças significativas ocorridas

na paisagem urbana de Luanda, nos últimos 25 anos, em função do conflito militar que se estendeu por muito tempo e das transformações políticas e econômicas (LOPES, 2008).

Abordar sobre a informalidade em Angola, constitui-se em um tema extremamente relevante no ponto de vista econômico, social e ambiental, por representar um dos principais meios de subsistências de grande parte da população de Angola. Além disso, segundo Banco Nacional de Angola (2015), Angola possui uma economia com alta taxa de informalidade, podendo atingir em torno de 65% na contribuição do PIB. A incapacidade do Estado e do setor privado criarem emprego formal, compatível ao excesso de população residente nos bairros de Luanda, são algumas das razões que explicam a existência de atividades informais na cidade capital angolana (LOPES, 2006). Diante do exposto, entende-se que os estudos existentes sobre as atividades informais em Luanda revelam que a maioria delas são pequenos negócios, realizados por trabalhadores por conta própria, que permitem obter rendimentos essenciais para a sobrevivência das famílias. Partindo desta visão, compreende-se que a população luandense depende deste mecanismo para suprir as necessidades básicas, como a educação, habitação, saúde, alimentação e transporte.

Segundo detalha o estudo feito por Lopes (2004), pode-se inferir que o setor informal ajuda a suprir a demanda de trabalho que o setor formal não consegue suprir. Diante do exposto, argumenta-se que com as famílias atuando no mercado informal, faz com que uma parte da população desempregada esteja ativa, podendo demandar bens e serviços através da renda oriundo da informalidade e assim ajudar a movimentar a economia, seja em escala nacional, regional e local.

Este tema é relevante no campo econômico, pois compreende-se que a existência de mercados informais esteja relacionado ao circuito inferior da economia urbana nos países em desenvolvimento. Entende-se que a análise e o estudo dos fenômenos concernentes ao modo de produção e adoção de políticas devem ser feitos de acordo com a situação espacial, sendo que os efeitos da modernização no circuito superior formam a origem do circuito inferior, logo, a existência do circuito inferior é marcada por várias formas de empregos e atividades como resposta de uma urbanização não industrializada (SANTOS, 2004). Diante desta realidade, novos estudos irão enriquecer novas investigações relacionadas à organização urbana nos países em desenvolvimento, em específico Angola, assim como levará a pensar sobre

a importância desse setor em toda a dinâmica econômica não só das famílias angolanas, mas igualmente do próprio país.

O presente trabalho procurou levantar uma problemática especificamente no setor de horticultura, por dois motivos: por um lado, pelo fato das atividades envolvidas no circuito inferior apresentarem vários elementos com características distintas; por outro lado, pelo fato do setor de agricultura ser mais propenso às atividades informais e em função da fragilidade dos produtos e da necessidade dos produtores comercializá-los com maior rapidez, de modo a evitar perdas e custos. Com base nestas questões surge então o interesse em entender os motivos da existência de mercados informais em Luanda.

Dos vários mercados existentes na capital angolana, o Mercado Catinton é um dos mais importantes e líder na comercialização de produtos agrícolas. Abastece maior parte das famílias luandenses, grandes mercados e restaurantes da cidade capital. O mesmo localiza-se no bairro Catinton (no distrito da Maianga, que pertence ao município de Luanda) em Luanda. A feira foi criada aproximadamente a nove anos, funciona de segunda a sábado, das 05h00min às 19horas.

O estudo busca contribuir frente ao debate do fenômeno da economia informal inerente ao setor de hortícolas em Luanda, com base em análise de dados coletados na presente pesquisa. O objetivo deste estudo consiste em apresentar os aspectos econômicos e sociais que influenciam a existência da comercialização informal de produtos hortícolas no mercado¹ de Catinton em Luanda. Como objetivos específicos, tem-se os seguintes: descrever as interfaces da teoria do circuito inferior da economia urbana relacionadas à atividade informal no mercado de hortícolas no Catinton; conhecer o processo de comercialização dos produtos de hortícolas no Mercado Catinton e identificar o perfil socioeconômico dos comerciantes de hortícolas no mercado Catinton.

Assim, para dar iniciativa ao processo de investigação, optou-se pelo Mercado do Catinton, o mesmo está dividido em três setores, dos quais será estudado apenas o setor agrícola, por ser o mais comercializado na Feira. Desta forma, o objeto de estudo foram as mulheres inseridas no setor de hortícolas. A escolha em estudar apenas as mulheres, está relacionado ao fato de que, nos mercados de Luanda, maior

¹ Neste trabalho as palavras feira e mercado Catinton serão usadas como sinônimos.

parte dos agentes informais inseridos no comércio a retalho de alimentos e bebidas são as mulheres.

Para responder ao principal objetivo do estudo, o mesmo encontra-se estruturado da seguinte forma: o segundo ponto, refere-se ao embasamento teórico que de uma forma resumida destaca as abordagens mais relevantes adotadas no presente trabalho, dos quais se destaca a teoria dos dois circuitos da economia de Milton Santos. O terceiro ponto, a metodologia de investigação, refere-se a natureza e tipo de pesquisa, o instrumento para recolha de dados, caracterização da amostra e as técnicas estatísticas de tratamento de dados. O quarto ponto é o centro da monografia, destinado a análise e discussão dos resultados obtidos que vão dar resposta ao principal objetivo do estudo. Por último, vão ser apresentadas as principais conclusões deste trabalho e algumas sugestões para futuras investigações.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA E OS ASPECTOS DA INFORMALIDADE

Ao se estudar sobre a economia urbana e a informalidade é necessário discorrer as bases teóricas que compõem esta temática, considerando o fundamento de diversos teóricos e autores que contribuíram para o debate a fim de transparecer o conceito da variável em estudo. Nesta seção, propõe-se conceituar os principais pontos que dão suporte a este estudo tendo em vista os dois circuitos da economia urbana com base na fundamentação teórica de Milton Santos².

O processo de urbanização nos países em desenvolvimento se caracteriza, principalmente, pela incapacidade dos setores de grande capital empregar a população, pela expansão do nível de pobreza e pela existência de várias atividades urbanas de baixa renda, tais atividades servem de refúgio para grande parte da força de trabalho (MARINA, 2012). Nesse contexto, o comportamento das cidades periféricas resultou, desde então, em diferentes teorias sobre o processo de urbanização nos países subdesenvolvidos, dentre as quais se destaca a teoria dos dois circuitos da economia urbana, desenvolvida por Milton Santos, em 1975, (MARINA, 2012). A teoria propõe a análise da realidade urbana nos países em desenvolvimento, considerando os aspectos da região.

Proposta por Milton Santos, a teoria dos dois circuitos da economia urbana procura elucidar de que forma as cidades dos países periféricos funcionam considerando a existência de dois subsistemas urbanos: o subsistema superior (circuito superior) é marcado pelo uso intensivo de tecnologia, grandes empresas e bancos; e o subsistema inferior (circuito inferior), que representa as atividades de pequena dimensão com baixa tecnologia, que se produz e reproduz com pouco capital e uso intensivo de mão-de-obra (SANTOS, 2004).

Para Santos (2004), o termo circuito da economia descreve a formação socioeconômica articulada à questão espacial sem a qual não se pode explicar a

² O Prof. Dr. Milton Almeida Santos foi professor emérito da Universidade de São Paulo; possuía graduação em Direito pela Universidade Federal da Bahia (1948) e doutorado em Geografia pela Universidade de Strasbourg (1958). (Informações disponíveis no Curriculum Lattes - Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/7647448406761813>).

urbanização dos países. Diante do parecer do autor, pode-se inferir que, na cidade, todo e qualquer indivíduo possui necessidades constantes independentemente do nível social. Por um lado, pelo fato de existir trabalho de longa duração com salário favorável, surge o circuito superior; por outro, a existência de trabalho de pouca duração e baixa remuneração cria, em boa parte da população, o desejo por outras formas de sobrevivência, o que propicia o surgimento então de um circuito inferior (SANTOS, 2004).

O espaço dos países subdesenvolvidos é fortemente caracterizado pela disparidade de renda que se estende em nível regional em função da organização das atividades e pela existência de atividades da mesma natureza, assim o acesso a um bem ou serviço é influenciado pela diferença de renda nas sociedades do terceiro mundo (SANTOS, 2004). Pode-se inferir que, a localidade determina a situação do indivíduo como consumidor ou vendedor, ao passo que, nos países desenvolvidos, a disparidade de renda não afeta a aquisição de um bem ou serviço. Na direção apontada por Milton Santos, entende-se por espaço, o ambiente social pelo qual está inserido o cidadão bem como o local onde é realizada a atividade econômica.

O mercado é um subsistema enraizado no comércio geral, de forma contextual, traduz-se como subsistema do sistema amplo de relações no espaço, tendo a cidade e comércio como centro ou parte integral desse subsistema (SANTOS, 2004). Assim, o comportamento do espaço é de acordo a diferentes situações geográfica e individual, a rigorosidade do espaço tanto na perspectiva econômica quanto social formam a base da teoria espacial que dão origem a dois circuitos da economia responsável pelo processo econômico e organização do espaço (SANTOS, 2004).

É imprescindível levar em consideração as especificidades dos dois circuitos da economia urbana, pois é um erro comparar o ocorrido no processo de industrialização das cidades desenvolvidas com o que atualmente é visível nas cidades subdesenvolvidas (SANTOS, 2004). Para o autor, tais teorias dos polos desenvolvidos não correspondem à realidade existente nos países em desenvolvimento.

2.1.1 Elementos e características dos dois circuitos: aspectos gerais

Segundo Santos (2004), os Circuitos superior e inferior da economia urbana são formas de produzir, comercializar, distribuir e consumir que ganham diferentes

características, tais aspectos são visíveis no ambiente urbano. Entende-se que a ideia de dualismo urbano é refutada quando se busca contextualizar os fenômenos da economia nas cidades dos países subdesenvolvidos. Não existe dualismo, os dois circuitos estão interligados e existem em função de um fator – a modernização tecnológica.

Para Santos (2004), os dualistas ao analisar as cidades subdesenvolvidas defendem a existência de dois setores opostos. Por um lado, o setor racional, desenvolvido e organizado de atividades eficientes; por outro, a existência de um setor ineficiente, irracional, com atividades antigas e não desenvolvidas. Porém, não existe uma única racionalidade econômica, mas várias. A teoria dos dois circuitos rompe com a ideia de que há oposição entre moderno e tradicional, capitalista e não capitalista (MARINA, 2012).

O circuito superior, segundo Porto (2005), é resultado direto da modernização tecnológica, cujas atividades existentes em função da evolução tecnológica e de pessoas que fazem o uso dela, suas relações ou atividades são executadas no exterior da cidade e região, envolve relações comerciais de grande potencial entre países e resto do mundo (SANTOS, 2004). Entende-se que, atualmente, os principais elementos que os caracterizam são os monopólios e o que os diferencia das demais atividades é a forma de organização e comportamento. O circuito inferior caracteriza-se principalmente por indivíduos de baixa renda e representa atividades de menor dimensão, relacionadas aos aspectos da cidade (PORTO, 2005).

Para o autor acima, o circuito inferior também é consequência do avanço tecnológico, porém os indivíduos não aproveitam totalmente dela, nem das atividades ligadas a ela. O que está em causa entre os dois circuitos é o comportamento da sociedade diante de uma nova realidade. Segundo Porto (2005) e Santos (2004), é evidente o efeito do fenômeno tecnológico nos países de velha civilização e países que conheceram recentemente este fenômeno, no mundo moderno a existência de novas tecnologias formam estruturas novas que obrigam as estruturas já existentes a transformar-se frente à nova realidade. Ao passo que, nos países em desenvolvimento, a tecnologia cria simultaneamente as duas formas de organização da economia, assim o circuito inferior se torna dependente do circuito superior (PORTO, 2005; SANTOS, 2004).

Os elementos do circuito superior são formados pelos bancos, serviços modernos, indústria e comércio de exportação de bens. Os atacadistas e

transportadores, funcionam nos dois circuitos da economia urbana regional (SANTOS, 2004). O atacadista constantemente se encontra no meio termo entre o feirante ou apenas vendedor ambulante, em função do crédito, o atacadista influencia a comercialização e fabricação de produtos a níveis inferiores, que atrai boa parte dos consumidores (SANTOS, 2004). Para o autor, o circuito superior domina grande fluxo de mercadoria, somente em caso de estabelecimentos (por exemplo: mercado de moda) com um público específico que demanda bens a preços muito altos, por conta da qualidade dos produtos oferecidos tendem a ser em menor quantidade – e no circuito inferior à quantidade dos produtos, tanto no comércio quanto na produção, na maioria das vezes é de pequena e média escala.

Para Santos (2004), a variação dos preços nos dois circuitos varia de acordo com as diretrizes de cada mercado. No circuito inferior, as políticas de preço variam da relação entre cada vendedor e cliente; isto é, ainda que o preço já esteja estabelecido, o vendedor pode alterar o preço. No circuito superior, os preços são estabelecidos (fixo) e estão sujeitos às normas de mercado, mesmo em mercados competitivos e, neste tipo de economia, usa-se a publicidade e marketing para atrair o consumidor; no circuito inferior, tal realidade não se verifica, em função das condições financeiras, uma vez que grande parte do lucro é usada na subsistência da família (SANTOS, 2004).

2.2 O CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA: CARACTERÍSTICAS GERAIS

A sociedade dos países em desenvolvimento é fortemente caracterizado pelo excesso de habitantes nas zonas urbanas e pela baixa qualidade de vida, diante deste cenário, o uso intensivo de tecnologia na economia, ocasiona a existência do um circuito inferior (SANTOS, 2004). O circuito inferior envolve atividades cujo modo de produção é dado de forma tradicional, por exemplo: atividades artesanais, prestações de serviços transportes tradicionais (Transporte rodoviário, ferroviário, marítimo ou fluvial e aéreo) e o comércio de pequena escala (envolve vários de toda espécie) (MARINA, 2012).

O circuito inferior, segundo Santos (2004), é uma economia que não segue o modo de gestão moderno, baseia-se no sistema de negociação atrasado, o uso de transporte depende da condição das estradas, da condição financeira e da quantidade

do produto. Em função disso, o método que melhor lhe favorece é o transporte animal e nas costas do homem. As economias dos guetos e favelas são distintas as do circuito inferior, pois os guetos provêm de outros períodos e tanto as populações do gueto como da favela não constituem o total da população pobre nas cidades (SANTOS, 2004).

Segundo Porto (2005), as instituições do circuito superior absorve normalmente um número reduzido de trabalhadores, mas o trabalho é bem remunerado, ao passo que, no circuito inferior as instituições absorvem maior número de trabalhadores e são mal remunerado, geralmente provisórios e instável, para Santos (2004), um dos fatores que pode influenciar, é a falta de critérios de avaliação, para empregar uma pessoa. No circuito superior, a relação entre o patrão e o funcionário é estabelecido pelo uso da carteira assinada, de acordo a lei trabalhista (PORTO, 2005). No circuito inferior as relações se estabelecem na maioria das vezes entre as partes, isto é, existe o contrato pessoal, neste cenário o trabalho familiar é de grande relevância, no circuito superior é diferente, a presença de membros familiar nas instituições não tem relevância (PORTO, 2005).

Segundo detalha o estudo feito por Santos (2004), o termo terciário é atribuído para conceituar as atividades e questões de emprego resultante de uma urbanização sem modernização. Evidencia-se a grande importância deste elemento para as pessoas pobres que não encontram oportunidades de trabalho no circuito superior. Neste tipo de economia, é frequente o ponto de venda dos comerciantes e artesãos ser a própria casa, o que traduz numa economia de tempo e dinheiro, como por exemplo, as donas de casa articulam as tarefas domésticas com suas atividades comerciais de lavadeira e costureira, e os clientes se favorecem do atendimento a qualquer hora (SANTOS, 2004).

A credita-se que, a existência de mercados informais esteja relacionado ao circuito inferior da economia urbana nos países em desenvolvimento. Assim, as atividades informais constituem uma das manifestações do circuito inferior nas cidades periféricas. Para melhor entendimento, a seguir será ilustrado dois tópicos relevantes: aspectos gerais da informalidade; Trabalho, renda e informalidade.

2.2.1 A informalidade: aspectos gerais

A economia combina três setores na realização da atividade produtiva: o setor rural (compreende o uso da terra e trabalho), o setor urbano formal (consiste na

combinação do capital e trabalho), e por fim o setor urbano informal (apenas o uso do trabalho) (SANTOS, 2004). O foco desta seção é abordar brevemente a respeito dos dois últimos setores.

Por carecer de uma definição precisa ou exata que a define por completo o termo “economia informal” expressa num todo, diversos trabalhadores, empresas e empresários não registrados com características notórias, sujeitos a desvantagens e problemas que variam de acordo a região, seja ela rural, urbana e nacional (OIT, 2006). Tais agentes econômicos não provêm de um único setor de atividade econômica, mas de vários, constituindo assim uma gama de atividades, portanto, a expressão economia informal é adequada a expressão setor informal (OIT, 2006).

Segundo Lopes (2006), o setor informal também é designado por: economia negra, economia escondida ou economia marginal, as quais descrevem e interpretam as condições dos setores desfavorecidos, tais como, as causas da miséria, da injustiça social e da incapacidade produtiva dos países em desenvolvimento.

Segundo Cacciamali (1982), com base no estudo realizado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), o debate sobre economia informal passa a ganhar força no período de 1960 e 1970, na perspectiva de estudar e analisar a realidade dos países em desenvolvimento nos continente Africano e da América Latina. As alterações oriundos dos planos traçados pela modernização, via industrialização, apresentavam dificuldade em inserir grandes segmentos produtivos e mercado de trabalho, dentro de uma economia capitalista e reguladora das atividades econômicas nos países do terceiro mundo. Partindo deste pressuposto, pode-se inferir que a informalidade sempre esteve presente na formação econômica da sociedade e passa a ser usada como mecanismo para suprir as deficiências de desemprego, subemprego e renda que o setor formal não consegue, com o intuito de melhorar as condições da população nos países de baixa renda.

Segundo Marina (2012), com base no estudo realizado pela OIT, as atividades do setor informal destacam-se pelas seguintes características: Fácil acesso à atividade; aproveitamento de recursos locais; propriedade familiar da empresa; escala de atividade reduzida; uso de técnicas que privilegiam o recurso à mão-de-obra; qualificações adquiridas fora do sistema oficial de formação; e presença de mercados concorrenciais sem obedecer aos parâmetros legais.

Cabe ressaltar que na economia informal as atividades desempenhadas (bens e serviços) são legais, mesmo que os procedimentos não estejam dentro dos

parâmetros legais, no entanto, inexitem as atividades criminosas (contrabando, tráficos, furto, etc.) e engloba a pequena produção mercantil, o pequeno comércio e o mercado informal (OIT, 2006). Por um lado, por exercer atividades não autorizadas em lugares impróprios, os agentes econômicos do setor informal são considerados ilegais; por outro, eles atuam em condições legais pelo fato de pagarem a taxa municipal (SILVA, 2005). Conclui-se que, o ilegal é informal, mas nem todo o informal é crime.

Para Dum (2014), tanto os bens e serviços produzidos no mercado informal como no mercado formal possuem características semelhantes, o que os diferencia é se o modo de produção e comercialização obedece aos parâmetros legais. Segundo Silva (2005), o pequeno negócio de esquina realizado na estrada, maioritariamente pelo sexo feminino e associados, no qual se destaca inicialmente à venda de bens alimentares, constitui o período de evolução dos mercados atuais. Hoje, essas formas de mercado se mantêm, mas a evolução deste setor trouxe características distintas entre os pequenos comerciantes retalhistas, a médios e grandes comerciantes proprietários de vários negócios, aos operadores grossistas.

Segundo Silva (2005), à medida que vão surgindo novos mercados, os trabalhadores ocupam terrenos impróprios. Porém, o funcionamento carece de infraestruturas básicas, sem sistema de saneamento, distribuição de água e energia, no caso em que há acesso a estes serviços, este processo não é suficiente para responder as necessidades existentes. Entende-se que, apesar dos mesmos contribuírem com uma taxa municipal para ocupar o espaço de venda, as autoridades municipais limitam-se na busca de melhoria de infraestruturas locais.

O mercado informal é um espaço onde pessoas de diferentes pontos da cidade se reúnem com a intenção de realizar uma série de atividades como forma de sobrevivência, tais mecanismos usados não obedecem às normas vigentes de comercialização (LOPES, 2008). Embora seja uma realidade vivenciada fortemente em economias não desenvolvidas, também está presente nas grandes economias (DUM, 2014). De certa forma, abordar sobre o circuito inferior nos articula a situação precária de emprego, em que atualmente, torna a cidade mais vulnerável e produz várias formas de trabalhos que direta ou indiretamente estão ligadas aos aspectos sociais de uma cidade (Marina, 2012).

2.2.2 Trabalho, renda e informalidade

A situação do mercado de trabalho nas cidades subdesenvolvidas encontra-se em péssimas condições, boa parte das pessoas estão desempregadas e sem renda permanente, o modo de produção capitalista promove a desigualdade social e espacial (SANTOS 2004). Essas desigualdades são caracterizadas pela existência de um grande grupo de pessoas com baixa remuneração, que depende de trabalho casual para sobreviver, convivendo com um pequeno grupo que possui maior remuneração salarial (PORTO, 2005). Dentro deste cenário, cria uma diferença entre os que têm constantemente a possibilidade para demandar bens e serviços com os que, mesmo tendo as mesmas necessidades não podem satisfazê-las (PORTO, 2005).

Esse quadro produz diferenças qualitativas e quantitativas no consumo nas diferentes cidades subdesenvolvidas, tais diferenças manifestam-se nos circuitos de fabricação, distribuição e consumo dos bens/serviços (PORTO, 2005). A evolução das urbanizações e o surgimento das indústrias nos países subdesenvolvidos, não resultaram no excedente pela demanda da mão-de-obra (MARINA, 2012). Para a autora, as populações dessas cidades periféricas em melhoria, apresentavam enormes restrições na capacidade de capturar a força de trabalho nos setores de capital intensivo. Nesse contexto, houve altas taxas de desemprego e se expandiu diversas atividades de baixa renda para atender ao grande número de populações nessas regiões (MARINA, 2012).

A urbanização nas periferias do terceiro mundo é caracterizada fortemente pela incapacidade de geração de oportunidade salarial, e pelo fato de boa parte da população estar empregada principalmente em atividades familiar ou de pequeno capital (MARINA, 2012). O problema da informalidade parte do modo de organização governamental. As políticas macroeconômicas, especificamente, as políticas de reestruturação econômica e privatização, as que não estavam fortemente direcionadas ao emprego, acabaram por destruir empregos existentes e não geraram novos empregos formais (OIT, 2006).

2.2.3 Agricultura: a construção de um debate do mercado informal no campo do circuito inferior da economia urbana

2.2.3.1 Aspectos informais da agricultura: A produção de Hortícolas

A agricultura é uma atividade econômica realizada no campo ou na cidade (intra-urbana ou periurbana), baseada no cultivo e plantio vegetal para o consumo humano, representa uma das bases econômica de uma sociedade ou região (FAO 2013). Para Porto (2005), o fato de a desigualdade social ser maior nos países pobres, promove a existência de diferentes consumidores e várias atividades comerciais que suprem essas diferenças. Nesse contexto, as feiras acolhem principalmente populações com menor poder de compra, tais atividades estão inseridas no circuito inferior da economia.

Segundo Santos (1977), tanto a indústria como a agricultura têm se tornado cada vez menos a solução de geração de emprego. Esse último se constitui como uma das principais razões do êxodo rural e grande parte da população é atraída para a cidade onde é absorvida no setor terciário (urbanização terciária). A agricultura familiar é caracterizada principalmente pela trajetória dos seus produtores no que concerne ao movimento temporal, em busca de um espaço para produzir, enfrentando barreiras e oportunidades em formas de estratégias de produção com vários conteúdos sócio espaciais, seja urbano ou rural, quanto à sobrevivência e produção os agricultores apresentam diferentes interesses (SILVA, 2012).

Para Porto (2005), no que concerne a organização do trabalho: o circuito superior obedece a um parâmetro, isto é, está sujeito ao cumprimento de etapas que se estendem desde a abertura do empreendimento até ao pagamento de várias taxa de imposto. No circuito inferior e nas feiras livres a organização não é oficial, não existe um controle rígido quanto a ocupação do espaço para comercializar os produtos, os vendedores organizam-se sem fiscalização (PORTO, 2005).

Segundo Silva (2012), considera-se por feira o local que permite tradicionalmente a troca de bens e serviços, experiência e a possibilidade do encontro entre os agentes sociais, envolvendo práticas do dia-a-dia que identificam este espaço. Neste quadro, o espaço representa a peça fundamental para a sobrevivência de pessoas que dependem do mesmo, os produtos podem ser comercializados em

lugares cobertos ou improvisados em barracas ao ar livre (SILVA, 2012). Por se tratar de alimentos e possuir prazo de validade, os valores dos produtos no mercado podem ou não variar de acordo com as oscilações, logo o produto irá determinar o preço de venda: no caso em que os alimentos se encontram em melhores estado de conservação a curto tempo, a venda é maior e melhor, outro fato é a quantidade colhida, mais oferta e maior cliente ele terá (HONDA; GOMES; CABRAL, 2016). Esse comportamento faz com que a variação dos preços em feiras e mercados locais seja constante, tais produtos se estendem desde as hortaliças até as ervas medicinais e aromáticas.

Segundo Santos (2004), os dois circuitos da economia urbana estão presentes em todas as etapas dos circuitos espaciais de produção, distribuição, comercialização e consumo. Nesse contexto, a produção de horticultura faz parte desses dois circuitos ao mesmo tempo, do circuito superior, vinculado ao grande capital, ligado ao mercado externo, e do circuito inferior relacionado aos ambulantes que vendem esses produtos em feiras, mercados, a porta de casa e nas vias públicas (SANTOS, 2004).

Existem três tipos de horticultura: a horticultura doméstica — normalmente são realizadas por famílias de baixa renda, em hortas pequenas como forma de obter alimentos, em outros casos para pagar o aluguel. A horticultura comunitária ou em grupo — os moradores fazem estas hortas em local da comunidade para fornecer hortaliças para as famílias dos agricultores e pessoas necessitadas. E a horticultura comercial — existe local apropriado para tal atividade e faz-se o uso de máquinas ou instrumentos agrícolas, ou seja, produção irrigada de frutas e hortaliças, a produção é dada em espaços urbanos ou rurais em média escala para um mercado específico, é caracterizado pela produção de consumo em grande escala e mão-de-obra remunerada (FAO, 2013).

Seguindo a linha de pensamento de Santos, as duas primeiras formas de produção apresentam características do circuito inferior por envolver grupos familiares ou indivíduos de classe baixa, caracterizado por uma atividade de pequena escala que quase não usa a tecnologia. A dificuldade no abastecimento de águas nos países africano é precária, muitas habitações e hortas carecem de água e energia, essa falta no acesso à água potável afeta as irrigações interferindo na atividade agrícola (FAO, 2013).

As estradas nos países africanos representam um obstáculo na comercialização e distribuição dos produtos, provocando imensas perdas tanto para

o vendedor quanto para o comprador, a situação agrava com a falta de materiais elétricos para a conservação dos produtos (FAO, 2013). Pode-se inferir que, boa parte dos produtos é vendida fresca, a remuneração dos horticultores normalmente depende da quantidade comercializada.

Por exemplo, em países como Nigéria (Ibadan), eles produzem em menor quantidade e vendem diretamente aos consumidores no local da horta; em Dar es Salaam (Tanzânia) muitos efetuam a venda nas estradas, porém esse método nem sempre compensa; na Zâmbia (Lusaka) muitos agricultores periurbanos transportam as hortaliças em carrinhos de mão até aos locais de ônibus e em seguida para os mercados, usando o transporte público, devido ao mau funcionamento dos transportes os produtos tendem a murchar sob o calor (FAO, 2013). Quanto ao acúmulo de capital os agricultores, no circuito inferior, não mostram maior relevância, ou não têm interesse, o mais importante é assegurar diariamente o sustento familiar, o capital é direcionado a manutenção e reprodução de hortas (SANTOS, 2012).

3 METODOLOGIA

Nesta seção, propõe-se descrever os métodos que serão usados na elaboração da pesquisa aplicada na cidade de Luanda. Para consolidar essa nova perspectiva, é necessário que se faça levantamentos de dados de modo que as possíveis hipóteses apontadas sejam comprovadas ou para que possamos “chegar à veracidade dos fatos”. (GIL, 1995, p. 27). Ou em outras palavras, apontar as formas adotadas que permitiu chegar a uma conclusão.

Segundo Gil (1995), a pesquisa social pode ser entendida como um processo que obedece aos parâmetros delimitados pelo método científico sem a qual não se pode explicar e nem obter novos conhecimentos a respeito dos fatos sociais. Portanto, pode-se inferir que a pesquisa tem por finalidade fornecer resultados ou respostas sobre um determinado problema levantado. Para Cervo, Bervian e Silva (2014), a finalidade da pesquisa dependerá do nível de experiência do pesquisador de acordo com suas habilidades, no caso de um aluno universitário iniciante os objetivos e resultados é a busca de conhecimento e aprendizado das técnicas de investigação científica.

Para dar conta dos objetivos lançamos mão dos seguintes procedimentos metodológicos: a) levantamento e leitura de material bibliográfico, baseada na reunião de diversos trabalhos (artigos, monografias, dissertações, teses, relatórios e livros), com temas direta ou indiretamente relacionados à pesquisa; b) levantamento e organização de pesquisa de campo, com foco no levantamento de materiais que fossem interessantes para a pesquisa no mercado Catinton.

3.1 NATUREZA E TIPO DE PESQUISA

O tipo de pesquisa adotada neste trabalho, quanto à finalidade, foi de natureza exploratória e descritiva. “A Pesquisa exploratória tem por finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (Gil, 1995, p. 44). Portanto, pela lacuna de estudos específicos voltados ao mercado de horticultura em Luanda, entende-se que a pesquisa é algo novo que será explorado, pois se pretende estudar as características dos trabalhadores inseridos neste mercado informal.

Para (Gil, 1995, p. 45), as pesquisas descritivas “têm como objetivo primordial

a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento entre variáveis.” Com base no estudo realizado pelo autor, compreende-se que para descrever os fatores (econômicos, políticos e sociais) que influenciam a existência de mercados informais em Luanda a pesquisa descritiva é de suma importância para que os objetivos pretendidos se cumpram, uma forma de adquirir estes resultados é por meio de uso de técnicas de coletas de dados.

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Segundo Gil (1995), população é conjunto de elementos com diferentes características que compõem o universo. O público alvo desta pesquisa foi a população de Luanda (Angola), especificamente os trabalhadores informais inseridos na feira do Catinton, localizada/o no bairro Catinton. Para Gil (1995), a necessidade em elencar uma amostra parte do fato do universo constituir um conjunto de elementos tão vasta que dificulta o processo de pesquisa ou torna difícil considerá-los no geral, sendo importante selecionar parte dos elementos da população em estudo de modo a obter resultados com precisão. Segundo o autor, entende-se por amostra, uma parte do universo que serve de base para análise das características da população alvo.

A princípio, a extensão da amostra chega a ser difícil defini-la, pois não se sabe ao certo o número de trabalhadores informais existente na cidade de Luanda. Neste caso, o procedimento de coleta de dados foi feito por acessibilidade, ou seja, pulico entrevistado, sendo que foram incluídas na pesquisa as pessoas que aceitaram participar e se comprometeram em responder as questões da pesquisa, representando, assim, a amostra da população informal. Segundo Gil (1995), amostra por acessibilidade se refere ao método menos rigoroso que o pesquisador adota no caso em que não se sabe o real tamanho da amostra da população em estudo, assim o mesmo seleciona os elementos disponíveis que serve de base para representar o universo. Por ser informal se torna muito difícil saber o número da população. O total de indivíduos entrevistados foi de 25, dos quais, uma entrevistada foi excluída, por motivo de desistência e um dos entrevistados, representa um dos responsáveis da feira, que forneceu informações complementares. Neste caso, a amostra foi de 23 Feirantes.

3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A metodologia utilizada no processo de pesquisa resultou da combinação de fontes primárias e secundárias: fonte secundária possibilitou maior compreensão científica do fenômeno a partir do levantamento e utilização de documentos, como: relatórios, teses, dissertações, jornais, revistas, relatórios, entre outros, o que permitiu aprofundar o conhecimento acerca do setor informal; fontes primárias exploram-se essencialmente, os elementos de informação recolhidos através das entrevistas com 23 mulheres envolvidos no comércio de hortícolas, realizado por meio de roteiro de entrevista, conforme o apêndice 1. Além disso, foi feita uma entrevista com um dos responsáveis da Feira Catinton e observação direta sistemática (longa experiência, como consumidor no mercado em estudo).

O processo de coleta de dados obedeceu aos seguintes parâmetros: a escolha das entrevistadas foi por acessibilidade, aleatória e por disponibilidade das comerciantes. A inexistência de controle, por parte dos órgãos responsáveis pela Feira, de quantos feirantes estão inseridos no setor de hortícolas, impossibilitou saber o percentual de entrevistados para a pesquisa. Neste caso, a técnica adotada para definir o tamanho da amostra, foi por saturação, quando as informações coletadas em determinado momento passaram a ser semelhantes, encerrou-se a aplicação do questionário, pois se entendeu como sendo suficiente para compreensão do fenômeno.

O roteiro de entrevista envolveu as informações qualitativas, tais como: sexo, idade, local de residência (se possui casa) nível de escolaridade, estado civil, número de filhos, se o negócio constitui ou não principal renda da familiar, quanto de arrecadação mensal, como adquiriu a propriedade do negócio (se paga ou não para ocupar o espaço e quem cobra), os motivos que levaram a ingressar neste negócio, número de trabalhadores, horas de trabalho, principais produtos e origem desses produtos e as dificuldades dos negócios.

O perfil das comerciantes-entrevistadas será apresentado no capítulo da análise. O procedimento de coleta de dados foi elaborado por dois inquiridores, residentes próximos ao bairro Catinton, seguindo um roteiro de entrevista, elaborado para a presente pesquisa. A pesquisa foi realizada no interior e exterior do mercado Catinton, entre os períodos de 30 de janeiro a 13 de fevereiro de 2018. As entrevistas foram divididas em três dias: no primeiro dia foram efetuadas quatro entrevistas, a

princípio como forma de experimento a fim de detectar as possíveis dificuldades; no segundo dia foram feitas quatro entrevistas, dentre eles um dos responsáveis da Feira Catinton e três comerciantes; no último dia foram consultadas 15 comerciantes de hortícolas. As entrevistas duraram em média 8 minutos cada. As entrevistas foram feitas de forma aleatória, no trabalho foram organizado de forma crescente, conforme se verifica no capítulo da análise de dados.

A pesquisa bibliográfica se fez presente na construção de todo trabalho, pois contribui na análise de todos os dados, permitindo explica-lo a partir de uma base teórica existente. No entanto, os dados obtidos em campo assumiram um papel importante na construção de quase toda a monografia. É importante ressaltar que, além das informações disponibilizadas pelas feirantes-consultadas, o entendimento da configuração espacial da Feira, deu-se através de instrumentos como fotografias e mapas.

Em pesquisas relacionadas a esta temática, as dificuldades que surgem no desenvolvimento de qualquer trabalho é a ausência de dados estatísticos sobre os agentes envolvidos. Além disso, ouve certa dificuldade em reter informações ao longo das entrevistas, por motivos como: omissão de informações, desconfiança e dificuldade em compreender as questões.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Tendo por base os resultados recolhidos junto dos 23 inquiridos e após o seu tratamento estatístico, no presente ponto serão apresentados os principais resultados da investigação. Além disso, vão ser apresentados os resultados que permitem dar resposta aos objetivos pretendidos.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA, HISTÓRICA E SOCIECONÔMICA DE ANGOLA/LUANDA)

O presente tópico tem por objetivo desenhar o contexto geral de Luanda, ambiente onde foi realizada a pesquisa e procurar apresentar uma breve contextualização geográfica, histórica e socioeconômica, também, de Angola.

4.1.1 Breve contextualização geográfica e histórica

Angola é um país da África ocidental, sendo a sul localizado pelo equador e ao norte pelo Trópico de Capricórnio e tem uma superfície total de 1.246.700km²; considerado o sexto país de maior dimensão da África, possui 18 províncias das quais Luanda é a sua maior cidade e capital (SOCIEDADE DE DESENVOLVIMENTO DO PÓLO AGRO-INDUSTRIAL DE CAPANDA, 2013). Limitado a norte pela República do Congo, tanto a norte e a leste pela República Democrática do Congo e pela Zâmbia, ao sul pela Namíbia e a oeste pelo Oceano Atlântico, possui 1.600km de litoral e 4.837km de fronteiras secas, tendo o Morro do Moco com 2620m, considerado o ponto máximo (PNUD, 2005).

Na parte litoral sul, o clima é semiárido, que se estende à Namíbia até a costa de Luanda, no norte é caracterizado por duas estações: no período de Maio a Setembro o clima é frio e seco; de Outubro a Abril o clima é quente e chuvoso (PNUD, 2005). Em Angola, a moeda oficial é o Kwanza, a língua oficial o português, sendo as principais línguas nacionais o Umbundo, Kikongo, Kimbundo, Chokwe (INE, 2014).

Luanda é a província mais povoada, concentrando 27% da população, seguida por Huíla (10%), Benguela e Huambo (8%), Cuanza Sul (7%), e Bié e Uíge (6%). Estas províncias concentram 72% da população total do país. A população em idade ativa é de 13.592.528 sendo, 8.706.581 na área urbana e 4.885.947 na zona rural (INE, 2014). Segundo detalha o estudo, a população economicamente ativa é representada por 7.182.631 pessoas, do total, 5.442.685 (76%) representa a população empregada e 1.739.946(24%) a população desempregada.

Angola sofreu um período de colonização, que se estendeu desde o século XV até 1975, data oficial da independência. Portugal tomou posse integralmente do território angolano em meados de 1926, durante este período, o país passou por novas dinâmicas sociais, econômicas e políticas. O funcionamento da economia baseava-se em dois pilares: por um lado, as pessoas de origem portuguesa e do outro, a população africana sem direito à cidadania, dedicavam-se a pequena produção agrícola, no período de escravidão, sujeitos a trabalhos mal remunerados. (SODEPAC, 2013).

Angola tornou-se independente, no dia 11 de novembro de 1975, pelo partido do MPLA em Luanda, três grupos foram protagonistas: o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) (SODEPAC, 2013). Após a independência, ocorreu uma guerra violenta entre os três movimentos, tendo início na província do Huambo, pois tanto a FNLA como a UNITA também tinham interesse em governar Angola (SODEPAC, 2013). Após 1990, o partido no poder (MPLA) adotou o sistema político democrático multipartidário, assim, em 1992, os três partidos concorreram as primeiras eleições em Angola, no qual o MPLA venceu, insatisfeita com os resultados, a UNITA volta a guerra. A guerra durou 27 anos, em 2002, foi declarada a paz no país.

A principal dificuldade sobre os estudos relacionados à realidade social e econômica de Angola, reside na falta de fontes de dados seguros, a despeito do esforço desenvolvido pelo Governo no pós-guerra (SODEPAC, 2013). Com a paz no país foi possível realizar o primeiro censo, isto em 2014, possibilitando uma base de dados empírico, relacionado à demografia e questões socioeconômica do país.

4.1.2 Indicadores socioeconômicos

A análise dos indicadores socioeconômicos atende aos padrões internacionais e contribui para a compreensão das mudanças nos perfis demográfico, socioeconômico da população, permitindo, assim, a implementação de políticas sociais relevantes para toda a sociedade angolana. Angola, para além de um importante património natural, possui um vasto e diversificado conjunto de recursos, dos quais se destaca o petróleo e diamantes, que coloca o país no grupo dos principais produtores africanos (PNUD, 2005). Após a independência, o país viu-se confrontada, durante mais de três décadas com conflitos internos que, em decorrência da sua ação destruidora, deixou o país numa complexa e difícil situação económica e social (PNUD, 2005). Após o período guerra, Angola deu início a construção nacional e de estabilidade monetária e financeira.

Nos últimos anos a economia angolana tem vivido uma significativa diversificação, devido ao crescimento superior do sector não-petrolífero em relação ao do sector petrolífero, impulsionado principalmente pelos sectores de agricultura, energia, indústria transformadora, construção e serviços (PNUD, 2016). Devido à queda do barril de petróleo, a economia do país tem passado por um momento de declínio. Em 2014, as exportações geraram 60,2 mil milhões de receita para o país, porém em 2015 a receita declinou para 33,4 mil milhões, correspondente a 44,5% em relação ao ano anterior (BANCO MUNDIAL, 2016). O crescimento do produto interno bruto (PIB) diminuiu para 3% em 2015, a inflação anual atingiu os 35,3% e a tendência é aumentar, refletindo a desvalorização de 40% do Kwanza face ao dólar desde 2014 (BANCO MUNDIAL, 2016).

Apesar dos esforços que têm sido desenvolvidos, a estrutura económica de Angola mantém-se pouco diversificada, a estrutura económica do país ainda dependente do setor petrolífero, onde o mesmo representa 95% das exportações, 70% das receitas do Governo e 46% do PIB (PNUD, 2016). Por outro lado, o sector petrolífero não é intensivo em mão de obra, sendo que o seu crescimento cria poucos empregos.

O governo angolano tem intensificado o processo de diversificação da estrutura económica, resultante do plano Nacional de desenvolvimento (2013-2017), a fim de criar um cenário macroeconómico favorável, bem como a implementação de políticas de apoio ao desenvolvimento de vários sectores da economia nacional, promovendo a criação de empregos e bem estar social.

Angola urbanizou-se muito rapidamente, atualmente a visão que remete é a concentração massiva de pessoas em Luanda e sinais diário de pobreza urbana, que o governo precisa combater. O país consta na lista de nações em que a extrema pobreza tem vindo a crescer, mais de 8 milhões de angolanos, correspondente a 30% da população, vivem com menos de 2,25 dólares, por dia (JORNAL NOVO, 2017). Se comparado com o ano de 2001 (26%), a População em extrema Pobreza aumentou de forma significativa (PNUD, 2005).

Tabela 2 - classificação em desenvolvimento humano, em 2014

Ano	2000	2010	2015
Taxa	0,391	0,495	0,533

Fonte: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2016).

Angola apresenta um conjunto de indicadores sociais ainda muito baixos que a colocam entre os países menos desenvolvidos do mundo sob o aspecto do desenvolvimento humano. Conforme mostra a tabela acima, Angola ocupa a 150ª posição do ranking na classificação em desenvolvimento humano. Apesar do IDH ser baixo, o país tem apresentado mudanças significativas, desde o ano de 2000 e 2015. Quanto ao coeficiente de GNI, durante o período de 2010 a 2015, os indicadores mantiveram-se a taxa de 0,427, ou seja a desigualdade social no país tem aumentado.

Quanto ao acesso de fonte de água para beber, segundo informações disponibilizadas pelo INE (2017), a nível nacional, 53% das famílias tem acesso a fontes de água apropriada para beber. Na zona urbana 67% tem acesso a água e na zona rural apenas 37% tem acesso a fontes seguras. Segundo detalha o estudo, as fontes protegidas podem ser: o sistema de canalização, chafariz público, nascente protegida, água da chuva, entre outros. O sistema de abastecimento de água ainda é precário, as famílias que não possuem água em casa ou no quintal duram, em média, 30 minutos ou mais para obter água (INE, 2017). A maioria da população rural obtém a água em lago, lagoa e riacho (fonte não protegida). Da população urbana que não tem acesso a fontes segura, obtém água em camiões cisterna, carroça com tanque pequeno, moto de três rodas. (INE, 2017). Tanto a fonte segura como a não segura necessitam de cuidado, porém a maioria não trata a água. Os que tratam, normalmente usam a lixívia ou fervem a água.

Além da baixa qualidade dos serviços de abastecimento de água, a insuficiência e precariedade na manutenção das redes de esgotos e sistemas de

saneamento básico, são fatores que causam o surgimento de doenças, dos quais se destaca a malária (PNUD, 2005). Em geral, a malária constitui um dos principais problemas de saúde pública, é a primeira causa de mortalidade infantil. A taxa de mortalidade infantil no país é ainda, uma das mais elevadas do mundo (PNUD, 2005).

Tabela 3: Indicadores Sociais

Ano	Taxa de Mortalidade*	Taxa de Natalidade*	Expectativas de vida
1990	131	7,24	41,69
1996	131	6,85	43,69
2003	111	6,53	50,50
2008	86,	6,30	56,16
2015	57	5,76	61,24

Fonte: Banco Mundial (1990-2015)

Obs.: * Menores de 5 Anos (por 1000 nascidos vivos)

De acordo com a tabela 3, evidencia-se claramente a evolução das taxa de mortalidade, natalidade e expectativa de vida, desde o período de 1990 a 2015. Em tempos passados, era frequente dar à luz em casa, sem assistência médica, que consequentemente poderia levar a morte, tanto do filho como da mãe, atualmente as pessoas têm mais cuidado em relação à saúde. Apesar da queda, as taxas ainda são elevadas, o Governo ainda necessita de fundos adicionais para melhorar a qualidade dos serviços, apoiar as campanhas de vacinação de rotina e expandir o acesso a infraestruturas sanitárias (PNUD, 2015). Cabe ressaltar que, em Angola, as taxas de natalidade é fortemente influenciada pelo baixo uso de contraceptivos, principalmente em adolescentes, devido ao nível de escolaridade, falta de informação, pobreza e crenças culturais, bem como o isolamento periurbano e rural. (PNUD, 2015).

Tabela 4 - População com 15 ou mais anos que sabe ler e escrever, em 2014

		Habitantes	%
Total	População com 15 ou mais anos	13.592.528	100,0
Taxa de alfabetismo - analfabetismo	População que sabe ler e escrever	8.915.628	66,0
	População que não sabe ler e escrever	4.676.900	34,0
Nível de escolaridade concluído (18 ou mais anos)	Ensino primário incompleto		47,9
	Ensino primário completo		19,9
	I ciclo do ensino secundário		17,1
	II ciclo do ensino secundário		13,2
	Ensino superior		2,0

Fonte: Instituto Nacional de Estatística (INE, 2014).

O sistema de educação em Angola apresenta situações precárias, a falta de políticas que incentivam os cidadãos a buscar pela formação acadêmica e a inexistência de corpo docente qualificado, constitui um dos principais problemas que afeta a educação a nível nacional. Estas políticas referem-se ao investimento de infraestrutura, sendo que as instituições existentes carecem de condições para acolher todos que pretendem estudar, principalmente na capital do país. Além disso, a existência de poucas escolas e docentes nas zonas rurais, bem como a falta de recursos das famílias pobres, para investir na formação, são motivos pelo qual 47,9% da população não tenha concluído nenhum nível de escolaridade.

Quanto à energia elétrica: A falta de iluminação, principalmente em áreas periférica, também constitui um dos desafios que o país tem enfrentado, a nível nacional, apenas 32% das famílias têm acesso à energia elétrica, do total, o acesso é maior nas cidades em relação nas zonas rurais (INE, 2014). Na falta de energia, as famílias usam outros tipos de iluminação como: lanterna, candeeiro, gerador, velas e lenhas. Dentre os combustíveis usados para cozinhar destaca-se: o gás natural, petróleo/parafina/querosene, carvão, Lenha/arbustos, Palha/capim e Cartão/papelão (INE, 2017).

O cenário apresentado acima é importante para mostrar o debate sobre os mercados informais em Luanda, que se apresenta neste trabalho, cujo objetivo é estudar um dos espaços onde acontecem estas atividades, a Feira do Catinton. Esta análise basear-se-á a partir da perspectiva de Milton Santos, a fim de relacionar o comportamento da feira com a teoria do circuito inferior.

4.2 A COMERCIALIZAÇÃO INFORMAL DE PRODUTOS HORTÍCOLAS NO MERCADO DO CATINTON EM LUANDA

Neste tópico, será analisado como se desenvolve o comércio de hortícolas no mercado Catinton, a partir da teoria dos dois circuitos da economia urbana, de acordo com Milton Santos. Assim, discutiremos o mercado informal em Luanda, especificamente, no setor referido acima. Com isso, apontaremos o perfil socioeconômico das feirantes, o funcionamento da Feira e os aspectos (in) formais do trabalho na feira do Catinton.

4.2.1 Perfil socioeconômico das entrevistadas

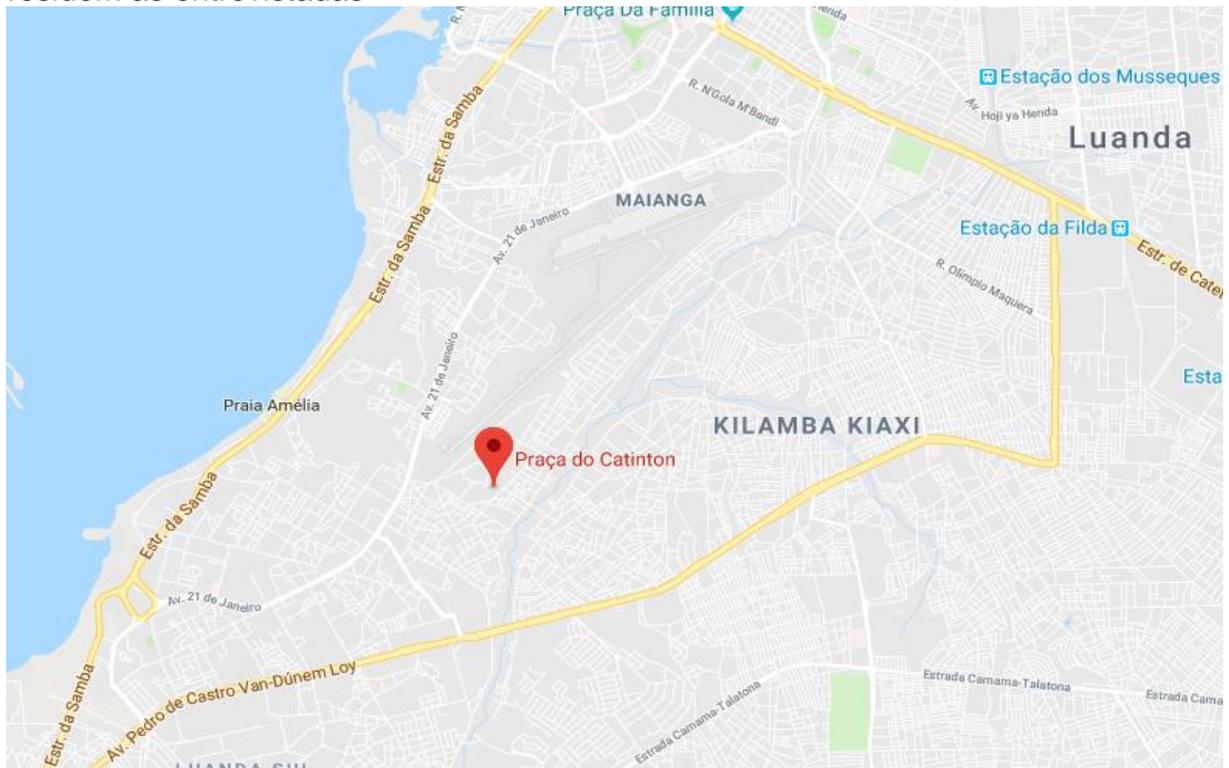
Inicialmente, destaca-se que as mulheres entrevistadas comercializam produtos de hortícolas, no mercado Catinton, localizado no bairro Catinton, em Luanda. Quanto à característica geral dos comerciantes de hortícolas na Feira, destacam-se alguns aspectos, tais como: A comercialização dos produtos hortícolas na Feira do Catinton, na sua maioria é efetuada por mulheres. Como observado, nos resultados coletados, o total da população entrevistada é representado por mulheres. Segundo Lopes (2006), é uma característica dos mercados de Luanda, principalmente no comércio a retalho, destacam-se um número expressivo de mulheres no comércio de alimentos, bebidas, artigos de uso doméstico, combustíveis (lenha, carvão) e moeda estrangeira. O cenário acima possibilita retomar a teoria do circuito inferior, segundo Santos (2004), alguns trabalhadores tendem a conciliar as atividades informais com tarefas. Pelo fato da comercialização de alimentos estar próxima as atividades domésticas, acredita-se que seja o motivo pelo qual grande destas mulheres estão neste setor.

Em Angola, as mulheres representam boa parte dos grupos sociais inseridos no trabalho informal de sobrevivência. Em função da concentração das mulheres em trabalhos que exige menor qualificação, das barreiras de entrada no mercado formal e da redução dos salários, constituem um dos principais motivos que levam as mulheres em direção à economia informal (LOPES, 2006). Este cenário aproxima-se da realidade das entrevistadas, na presente pesquisa de campo, pois os pontos apresentados por Lopes (2006), como referido anteriormente, confirma o fato dos

trabalhadores inseridos na comercialização de hortícolas serem maioritariamente mulheres.

Quanto à localização geográfica das residências das feirantes entrevistadas, destacam-se alguns aspectos, tais como: residem no município de Luanda, nos distritos da Maianga, Kilamba Kiaxi e Samba, especificamente, nos bairros de Mbondo Chapé, Danjarré, Catinton, Golfe, Gameck, Simione e Morro da Luz. Segundo informaram, a maioria reside em casa própria. Os três primeiros bairros citados são as zonas onde existe maior quantidade de feirantes. Dos quais, sete (7) residem no bairro Mbondo Chapé, cinco (5) no Danjarre, cinco (5) no Catinton e apenas um (1) reside no Golfe, Gameck, Simione e Morro da Luz (cada feirante). Alguns bairros não aparecem no mapa, por conta disso, a figura 2 destaca somente os distritos que compõem os referido bairros, onde residem as feirantes.

Figura 2 - Localização geográfica dos três distritos do município de Luanda onde residem as entrevistadas



Fonte: Google Maps (2018).

Segundo o Governo da província de Luanda (2014), a capital de Luanda possui sete (7) Municípios, entre eles o município de Luanda, com sede na cidade de Luanda, que compreende os distritos urbanos da Maianga, Ingombota, Kilamba Kiaxi, Rangel, Samba e Sambizanga. Neste quadro, entende-se que a feira Praça Nova está

localizado em um dos melhores distritos (em termo de urbanização e estruturação) da cidade de Luanda (Maianga), de igual modo, encontra-se entre os bairros periféricos, os quais, em sua maioria, são os mesmos onde residem entrevistadas, já citados anteriormente. Luanda, sendo a capital de um país em desenvolvimento, sua organização espacial se assemelha a teoria dos dois circuitos de Milton Santos, pois é impossível não notar a desigualdade social existente entre a população.

A desigualdade é contrastada pelos bairros com infraestruturas luxuosas, os quais se encontram com habitações precárias e localizadas em regiões com déficits e ausência de infraestruturas básicas. Assim sendo, os bairros periféricos e próximos à cidade, onde residem às entrevistadas, possibilita considerá-los como parte de um circuito inferior da economia, uma vez que maioritariamente são indivíduos que foram excluídos do acesso a determinados serviços, assim como do mercado de trabalho formal. No que concerne às idades e nível de escolaridade das entrevistadas, a Tabela 5 destaca as seguintes especificidades:

Tabela 5 - Idade e escolaridade das mulheres entrevistadas, comerciantes de hortícolas na Feira do Catinton

Sexo	Total
Feminino	23
Masculino	0
Idade	Total
De 24 a 34 anos	9
De 35 a 45 anos	4
De 46 a 56 anos	4
Acima dos 56 anos	2
Não responderam	4
Escolaridade	Total
Não frequentou a escola	6
Ensino Fundamental Incompleto (1 até 3 classe)	6
Ensino Fundamental Incompleto (4 até 6 classe)	7
Ensino Fundamental Incompleto (7 até 9 classe)	4

Fonte: Pesquisa de campo (2018).

De acordo com os dados coletados, das 23 mulheres entrevistadas, verificam-se as seguintes idades: 9 (24 a 34 anos); 4(35 a 45 anos); 4(46 a 56 anos) e 2(57 anos). Das quais, verificou-se que maioritariamente são jovens com 24 a 35 anos de idade, representados por nove (9) entrevistados e uma pequena parcela com 57 anos, representado por dois (2) da amostra coletada.

No que se refere à escolaridade das mulheres entrevistadas, seis (6) não frequentaram a escola, seis (6) não concluíram a (1ª, 2ª e 3ª classe), sete (7) não concluíram a (4ª, 5ª e 6ª classe) e quatro (4) não concluíram a (7ª, 8ª e 9ª classe). Das que frequentaram a 1ª, 2ª e 3ª classe, interromperam os estudos, neste sentido, praticamente doze (12) entrevistadas não frequentaram a escola. Uma característica notável é a escolaridade de acordo com as idades, ou seja, quanto maior a idade, menor a escolaridade e vice-versa. A maioria das entrevistadas, com 24 a 33 anos de idade, tem a tendência de atingir maior nível de escolaridade, compreendidos entre a 4ª, 6ª, 8ª e 9ª classe, ao passo que a acima dos 35 anos, maioritariamente, não frequentaram a escola ou não concluíram a 2ª, 3ª e 4ª classe.

Neste contexto, entende-se que parte significativa das comerciantes no setor hortícolas foi afetada pelo período colonial e pela guerra civil ocorrida no território angolano. Segundo a entrevistada 13: “não estudamos, naquele tempo os brancos nos interromperam muito, não deixavam estudar, e os nossos pais não nos educaram mais, nos criaram sem educação”. Além disso, segundo (SODEPAC, 2013), durante o período de colonização, a população angola não tinha direito à cidadania, dedicavam o seu tempo à pequena agricultura, orientada pelos portugueses. Neste contexto, quando os portugueses concederam os direitos de ensino e emprego na função pública e privada, os líderes africanos rejeitaram esta opção, e continuaram a lutar pela independência. Neste sentido, após a independência de Angola, os habitantes continuaram sem acesso ao sistema de ensino, devido à guerra civil que se expandiu por toda região.

O cenário expresso acima resultaria, então, em um grande número de habitantes angolanos sem o ensino fundamental completo, ou que não tenha frequentado a escola, sendo que as mulheres representam boa parte deste grupo por questões socioculturais. Com base no expresso, o nível de escolaridade das entrevistadas se apresenta como mais um motivo para a compreensão da Feira Catinton a partir do circuito inferior da economia. Segundo Santos (2004), a configuração do espaço nos países em desenvolvimento deve ser analisada levando em consideração os aspectos históricos e culturais, tais aspectos, constituem o ponto de partida para a formação do circuito inferior.

Quanto ao estado civil, número de filhos e a representação da renda com o negócio, algumas especificidades podem ser destacadas, conforme mostra a tabela 6.

Tabela 6 - Estado civil, número de filhos e representação da renda com atividade de hortícolas na Feira do Catinton

	Descrição	Total
Estado civil	Casada	7
	Solteira	4
	Maritalmente/ União estável	11
	Viúva	1
Número de Filhos	De 1 a 3	8
	De 4 a 6	13
	Acima dos 6	1
	Não respondeu	1
Comércio de hortícola como principal renda da família	Sim	11
	Não	12

Fonte: Pesquisa de campo (2018).

Em média, 11 das entrevistadas vivem maritalmente, ou seja, não são casadas nem solteiras, mas residem com um parceiro. Apenas, sete (7) são casadas e quatro (4) são solteiras. A maioria tem de quatro (4) a seis (6) filhos; apenas uma (1) possui mais de seis (6) filhos e oito (8) possuem entre um (1) a três (3) filhos. Os dados coletados detalham que a maioria das mulheres possuem uma família com mais de 4 membros, tal situação resultaria na grande necessidade de procurar outra fonte renda. Neste contexto entende-se que, este cenário de alguma forma representa a realidade de muitas famílias luandenses.

A visão de família com mais de 4 a 8 filhos, traduz-se ao mesmo tempo em mais despesas com alimentação, educação, transporte, saúde, entre outros, por conta disso, ainda que a mesma dependa de uma remuneração oriunda do setor formal, não seria suficiente para cobrir todas as necessidades da família. Além disso, deduz-se também que, em certos casos, os filhos são de inteira responsabilidade das mães, ou seja, muitos pais não cumprem com os seus deveres, por diversos motivos, dos quais se destacam: a ineficiência por parte do Governo de Luanda quanto à obrigação dos pais com os filhos (muitos fogem das suas obrigações), por outro, a falta de emprego, é um dos principais motivos que faz com que os pais não cumprem com suas obrigações, tal ponto será detalhado no item a seguir.

Quanto à representação da renda com a atividade, os dados detalham os seguintes aspectos: A comercialização de produtos hortícolas não constitui 100% a principal renda familiar. Com base nos dados coletados, 11 das entrevistadas

considera o comércio de produtos hortícolas como a principal fonte de renda da família e 12 não o consideram como a principal renda da família. Neste contexto, entende-se que, em primeira instância o comércio de produtos hortícolas seria apenas como uma fonte de renda secundária, porém, na falta de emprego de um dos membros da família (esposos ou companheiros), assume o papel de renda principal, conforme relata a entrevistada 13: “o negócio constitui principal renda, meu esposo trabalha, mas não tem emprego, é pedreiro, às vezes trabalha quando há emprego, se não tiver fica um a dois meses em casa sem trabalhar”. No caso das entrevistadas, viúvas e solteiras, elas não têm outro membro que ajuda a suprir as necessidades da família, sendo assim, o comércio de produtos hortícolas é a única fonte de renda.

Esse ponto reflete a realidade da sociedade luandense, em que uma parte significativa das mulheres, inserida no setor informal, assume a posição de chefe de família, pelos seguintes pontos: o salário no setor formal não é suficiente para satisfazer as necessidades das famílias mais carentes, principalmente pelo número de membros que cada uma compõe e assim as despesas financeiras são repartidas, conforme afirmou uma das entrevistadas: “o negócio não constitui principal rendimento da família, o esposo é que paga a escola das crianças, esse negócio é a penas para comprar jantar, o resto é o esposa que paga.”

Além disso, com base no relato da entrevistada 13, já citada anteriormente, compreende-se que, alguns desses esposos trabalham por conta própria, em função disso, a falta de renda fixa, obriga a mulher a assumir toda responsabilidade da família. Segundo Santos (2004), para se inserirem no circuito inferior, os trabalhadores não obedecem a critérios de avaliação. Neste caso, mesmo que possuam um baixo nível de escolaridade, as entrevistadas conseguem manter o comércio e obter rendimento, que pode ser vista como principal fonte de renda da família ou, em outros casos, como renda auxiliar e indispensável para o sustento diário.

A descrição e análise do funcionamento da Feira de Catinton, bem como de aspectos socioeconômicos relacionados ao trabalho realizado pelas mulheres entrevistadas, respectivamente, são tratadas nos dois tópicos seguintes.

4.2.2 Funcionamento do Mercado do Catinton: o circuito inferior

Este tópico tem como ponto de partida a descrição detalhada do mercado Catinton, com a finalidade de identificar e descrever o espaço, a organização, os

agentes envolvidos e as práticas relevantes. Segundo INE (2013), o município de Luanda é o mais populoso de Angola, concentrando 2.107.648 do total de habitantes da província de Luanda. Segundo informações disponibilizadas no Blog Gueto Luanda (2013)³, o bairro Catinton não está devidamente organizado, as casas são construídas anarquicamente, as ruas estão mal enumeradas e nomeadas, sendo que muitas ruas têm o mesmo nome e as casas não são numeradas. É um bairro pobre e um dos principais guetos da cidade de Luanda, conhecido através do mercado Catinton/Praça Nova.

Figura 3 - Imagem de um dos guetos de Luanda (Prenda—Maianga)



Fonte: Blog Gueto Luanda (2013).

Quanto à precariedade do espaço, com base nas informações disponibilizadas pelo Blog Gueto Luanda, já referido acima, algumas especificidades podem ser destacadas: no bairro Catinton uma das principais dificuldades é a inconsistência ou a precariedade da energia elétrica. Como natural da região, a precariedade citada pelo Blog Gueto Luanda também podem ser comprovada quanto à dificuldade de conservação de produtos que necessitam de maior cuidado, tanto para o feirante como para as famílias que fazem o consumo. Segundo informações disponibilizadas

³ O Blog Gueto Luanda foi criado por Antônio Mateus, cidadão luandense, o mesmo aborda sobre a realidade dos bairros na cidade de Luanda. Está disponível em:< <http://kilamba7.blogspot.com.br/search/label/Catinton>>. Data de acesso: 10 Abr. 2018. Publicado por: Antônio Mateus em Mai. 20013 às 05h19min.

pelo Bento (2014), a falta de frigorífico no mercado prende-se a esta questão. Ainda com base nas informações disponibilizadas pelo Blog Gueto Luanda (2013), a falta de iluminação é também principal causa do índice de criminalidade no bairro, os assaltos na maioria das vezes acontecem das 18 horas em diante, mas durante o dia se verifica também tal ato, inclusive, dentro da feira. Por isso, recomenda-se maior cuidado durante o percurso no mercado.

Uma vez que o mercado é a “céu aberto”, a questão da chuva é um fator preocupante para os habitantes da região e para o mercado. Segundo informações disponibilizadas pelo Blog Gueto Luanda (2013), no caso de chuvas mais intensas, as casas são arrastadas até ao rio Catinton provocando morte de seus moradores. No mercado, verifica-se um ambiente alagado e sem espaço para expor os produtos; nesse período, todo e qualquer que frequenta o local, demanda pelo serviço dos chamados “Saqueiros” (expressão da gíria luandense, refere-se aos agentes informais, que circulam a feira, a todo o momento, para vender sacos aos que necessitam organizar os seus alimentos) para cobrir os pés com saco e fita adesiva, como forma de cuidado, a fim de caminhar em um lugar que além de estar alagado também contém lixo; além disso, os comerciantes têm dificuldades para chegar até ao mercado, os mesmos podem ficar no mínimo um dia em casa, sem vender, porque as estradas ficam em péssimas condições. A partir da precariedade exposta pelo Blog Gueto Luanda (2013), a falta de iluminação pode resultar na subida de preços dos transportes e na baixa demanda dos produtos da feira. Apesar dos constrangimentos que a zona enfrenta, o mercado Catinton é um dos líderes na comercialização de produtos agrícolas nacionais a preços acessíveis (BENTO, 2014).

No que se refere à origem, turnos de funcionamento, tamanho e estruturação da feira, segundo informações disponibilizada pelo Bento (2014), já citado acima, alguns aspectos podem ser destacados, a conhecer: anteriormente a feira era conhecida por praça de matérias (pela venda de materiais para a construção civil), foi criada há aproximadamente nove anos. Segundo informações disponibilizadas pelo Blog Gueto Luanda, o atual nome da feira, é atribuído em homenagem ao Rio Catinton que passa no interior do bairro. Segundo as entrevistadas, a feira funciona de segunda a sábado, das 05h00min às 19horas; no domingo é dia de limpeza, o mercado não funciona, mas é possível encontrar vendedores em pontos localizados fora do mercado. A figura a seguir apresenta como está alocada a estrutura da Feira do Catinton.

Figura 4 - Imagem aérea da Feira do Catinton



Fonte: Google Maps (2018).

Ainda, de acordo com as informações disponibilizadas pelo Bento (2014), o tamanho do mercado compreende 480 metros de comprimento e 90 de largura; são dois portões que dão acesso ao interior do mercado; no exterior da feira, encontram-se, em circulação, os Candongueiros (operadores informais que proporcionam o essencial da oferta de transporte aos cidadãos de Luanda, entre os locais de residência aos locais de trabalho e de abastecimento de mercadorias).

Figura 5 - Imagem externa da Feira do Catinton



Fonte: Pesquisa de Campo (2018).

Baseando-se nas informações disponibilizadas pelo Bento (2014), a quantidade de comerciantes circulando no espaço está desatualizada; dentro do mercado, há uma grande confusão e uma longa distância para chegar até o local das vendas de produtos agrícolas, tudo isso no meio de multidões que circulam o espaço; os produtos são vendidos em bancadas; devido a situação atual do mercado, a céu aberto, os produtos são conservados em casas de processos (são casas destinadas a guardar mercadorias, de modo que as vendas continuem no dia seguinte) protegidos por homens de segurança; a feira possui banheiro e reservatórios de água.

Quanto aos tipos, preços e qualidade dos produtos comercializado na Feira, de acordo as informações disponibilizadas pelo Bento (2014), destacam-se alguns aspectos, como: o mercado se divide em setores de vendas de fardos ou as chamadas roupas usadas, diversos (utensílios domésticos, materiais de limpeza, entre outras), alimentos prontos para o consumo, bebidas e produtos agrícolas. A comercialização dos produtos do campo é o mais frequente, devido ao preço acessível e por serem produtos nacionais. A Tabela 7 abaixo descreve alguns produtos comercializados na feira do Catinton, respectivas medidas e preços.

Tabela 7 - Produtos comercializados na Feira do Catinton, por medida e preço

Descrição dos produtos	Medida	Preço (kz) *
Batata Rena	Por balde	2000
Batata Doce	Por balde	1500
Tomate Maduro	Por balde	1000
Alface	Por monte	200
Banana	Por quilo	400
Banana Pão	Por quilo	500
Cebola	Por quilo	1500
Fubá de Bombo	Por quilo	80
Fubá de Milho	Por quilo	100
Feijão	Por quilo	200
Mandioca	Por monte	70
Pimento	Por monte	100
Cenoura	Por monte	100

Fonte: Handa (2017)

Obs.: * um (1) Kwanza equivale a 0,02 reais.

Quilo, monte e balde são formas de medida, adaptada pelos feirantes para medir certa quantidade de produtos. É uma prática comum na Feira, principalmente na venda de produtos agrícolas, uma vez que os vendedores não possuem balança para medir os pesos.

Figura 6 - Vender produtos em baldes e por monte, constitui as principais medidas na Feira Catinton.



Fonte: Pesquisa de Campo (2018).

Além dos produtos referidos a cima, segundo informações disponibilizadas por Bento (2014), destacam-se outros como: quizaca, milho, frutas variadas, berinjelas, azeite de dendê, entre outros. De acordo com as entrevistadas para a presente pesquisa, também são comercializados outros produtos: salsa, couve, quiabo, couve, gimboa, uce, rama e mengueleca, pepino, pimenta e repolho.

Frente ao apresentado sobre a Feira de Catinton, cabe retomar Santos (2004) sobre a formação de preços no circuito inferior da economia e sua dependência das condições de abastecimento dos comerciantes e da relação estabelecida entre os comerciantes e os seus clientes. Segundo o autor, é comum os clientes recorrer ao ato da pechincha, que seria a discussão entre ambos (vendedor e consumidor) sobre o valor de uma mercadoria. Esse quadro constitui uma das principais características da formação de preço no circuito inferior, o que, semelhantemente, verifica-se na Feira do Catinton. De acordo as entrevistadas, na presente pesquisa, o preço depende do

valor investido em cada compra, se o valor da mercadoria estiver muito elevado, o preço da venda também será alto e vice-versa.

Segundo informações disponibilizadas pelo Bento (2014) e Handa (2017), os produtos hortícolas da feira são considerados pelos consumidores como produtos de boa qualidade a preço acessível, em relação aos mercados. Esse quadro depende dos seguintes pontos: pelo fato de serem produtos nacionais, sem sofrer alterações; por serem produtos muito perecíveis, os agricultores procuram meios que melhor lhes favorece para vender os produtos, a fim de evitar perdas; em função disso a cadeia produtiva (refere-se ao conjunto de agentes econômicos que constituem parte integrante de seus negócios na produção de um determinado produto ou serviço) neste setor tende a ser curta, conforme mostra a Feira do Catinton.

O processo de abastecimento dá-se por intermédio do agricultor, camionista e as revendedoras, sendo assim o curto percurso possibilita que a formação de preços esteja ao alcance desses clientes. Além disso, a possibilidade de que os preços podem mudar após a discussão entre ambos (comerciante e consumidor), a população cria uma ideia de que estes preços são mais acessíveis na feira do que nos mercados. Ainda com base nas informações disponibilizadas pelo Handa (2017), a Feira de Catinton se tornou um ponto de referência para os retalhistas e grossista (grossista, refere-se ao comércio ou comerciante que vende, compra ou fornece produtos em maior quantidade. Diferente do retalhista, cuja comercialização realiza-se em pequenas quantidades), principalmente, quando se refere à comercialização de verduras, de igual modo contribui no abastecimento de restaurantes e supermercados da cidade de Luanda. Além disso, segundo informações disponibilizadas pelo Jornal Angola Bela (2013), também abastece mercados de menor dimensão.

No que concerne à origem dos produtos e abastecimento do mercado, segundo dados coletados, na presente pesquisa, a feira apresenta os seguintes aspectos: os produtos são provenientes das fazendas e campos agrícolas do Kwanza Sul, Huambo, Benguela e algumas verduras provêm da Funda (Luanda). Segundo informações disponibilizadas pelas Distâncias entre cidades⁴, uma viagem de Kwanza Sul até Luanda, dura em média, 5 horas e 16 minutos (397km); de Luanda para o Huambo, dura em média 9 horas e 26 minutos (595 km); de Luanda para Benguela, dura em

⁴ Disponível em: <<http://www.distanciasidades.com/>>. Data de acesso: 10 Abr. 2018.

média, 4 horas e 37 minutos (340 km) e uma viagem da Funda até ao Catinton, dura em média, 1 hora e 16 minutos (51,3 km), em caso de carro ou ônibus. O mapa a seguir mostra as grandes regiões agrícolas de Angola, que abastecem a Feira Catinton.

Figura 7 - Regiões agrícolas em Angola, que abastecem a Feira Catinton



- Os locais grifados em verde, são as principais províncias produtoras e fornecedoras de alimentos da Feira.

Fonte: Google maps (2018).

Segundo informações disponibilizadas pelo Handa (2017), os vendedores marcam presença as 05h00min, para adquirir as mercadorias transportadas em camiões de pequeno porte, em média, são transportados no mercado cerca de 25 a 100 toneladas de hortaliças, em caminhões com capacidade de até 5 toneladas cada. Segundo informações detalhada pelo Jornal Angola Bela (2013), os camionistas são solicitados pelos agricultores para transportas e revender os seus produtos até os mercados de Luanda, alguns deles recebem os produtos a crédito; o carregamento de produtos agrícolas é feito, em média, três vezes por semana. De acordo com Handa (2017), antes dos produtos chegarem no mercado, são previamente encomendado pelos feirantes, ou seja, as mercadorias são entregue mediante um contrato feito entre o feirante e o fazendeiro. Além disso, segundo o Jornal Angola

Bela (2013), é comum os camionistas possuírem experiência de negociação e paciência com os clientes que revendem tais produtos.

No que se refere ao pagamento de tributos, segundo uma das responsáveis do Catinton, entrevistada na presente pesquisa, algumas especificidades podem ser destacadas, tais como: o mercado é de carácter privado sujeito a tributação e, neste caso, o dono do espaço paga 300.000kz mensal ao governo, a taxa é paga no tesouro da administração da Maianga (órgão do Estado responsável pela administração dos bairros da Maianga). De acordo com as entrevistadas, o valor da taxa municipal varia entre 150 a 350kz, esse valor é cobrado de acordo com a quantidade de produtos comercializados e conforme a localização do espaço ocupado. No caso dos grossistas, pagam uma taxa equivalente a 350kz. Segundo Handa (2017), existe outra taxa municipal de 500 a 1000kz atribuído aos camionistas que transportam mercadorias para abastecer a feira, em caso de carrinha ou camiã. Ainda, de acordo com uma das responsáveis pela Feira, já citada anteriormente, a taxa municipal se destina a manutenção do mercado, remuneração salarial e outras despesas que permitem o funcionamento da feira.

O próximo tópico trata da descrição e análise de aspectos socioeconômicos relacionados ao trabalho realizado pelas mulheres entrevistadas na Feira do Catinton.

4.2.3 Aspectos informais do trabalho no Mercado do Catinton

O trabalho informal é caracterizado pela falta de registro da empresa, a falta de cobertura de segurança social e a falta de um contrato de trabalho, entre outros aspectos. Tais agentes confrontam-se quotidianamente com múltiplos riscos em relação aos quais não dispõem de mecanismos de proteção, com a agravante de, muitas vezes, não se encontrarem também contemplados pelos benefícios da proteção social pública (SANTOS, 2007). Segundo a Constituição da República de Angola, do artigo 76.º (Direito ao trabalho), “todo o trabalhador tem direito à formação profissional, justa remuneração, descanso, férias, proteção, higiene e segurança no trabalho, nos termos da lei”. Este quadro incentiva a abertura do debate sobre os aspectos informais do trabalho na Feira Catinton, na perspectiva de analisar as condições de trabalho das feirantes. A detalha os motivos que levaram as

entrevistadas a ingressar no negócio de hortícolas, número de trabalhadores a tempo inteiro, as horas de trabalho e tempo de experiência no negócio.

Tabela 8 - Motivos a ingressar no negócio, horas de trabalho e anos de experiência no comércio informal

Motivos que levaram a ingressar no comércio de produtos hortícolas	Total
Não tem trabalho	2
Por ser o negócio habitual	2
Para sustentar a família	16
Não respondeu	3
Número de trabalhadores de tempo inteiro	Total
Trabalho sozinho/a	20
Ajuda de membro familiar	3
Horas de trabalho (diariamente)	Total
8h a 11h	4
12 a 13h	17
13h a 14h	2
Anos de experiência no negocio	Total
Até 5 anos	6
De 5 a 10 anos	6
De 10 a 20 anos	4
De 20 a 30 anos	3
Mais de 30 anos	2
Não respondeu	2

Fonte: Pesquisa de campo (2018).

De acordo com a **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, os motivos que levaram as comerciantes a ingressar no comércio de produtos hortícolas, os dados detalham que duas (2) das entrevistadas ingressaram neste negócio porque não tiveram oportunidade de trabalho; duas (2) afirmaram ser o negócio habitual; a maioria, representado por dezesseis (16) entrevistadas afirmaram que ingressaram neste negócio para sustentar a família. A falta de oportunidade no mercado de trabalho se constitui em mais uma das características do circuito inferior da economia. Segundo Porto (2005), o setor inferior da economia é conhecido por apresentar uma grande oferta de emprego, no geral pela quantidade de estabelecimento, provisório e instável, ao passo que no circuito superior exige critério de avaliação e o número de estabelecimentos é menor.

Além disso, segundo Lopes (2004), os setores públicos e privados, em Luanda, não conseguiram absorver parte da mão-de-obra desempregada, devido ao excesso

de população. As feirantes encontram refúgio nas atividades informais, possibilitando a demanda por bens e serviços. Outra característica do circuito inferior é o fato do negócio de hortícolas representar uma atividade habitual. Conforme afirma Santos (2004), as atividades, envolvidas neste circuito, estão enraizada no interior da região em que são executadas tais atividades e dos agentes que fazem o uso dela. Uma vez que o setor informal é composto por diversas atividades, a preferência pela comercialização de hortícolas está relacionada às atividades exercidas anteriormente, conforme relata a entrevistada 19, que, anteriormente dedicava sua vida a atividade do campo, possuía suas próprias lavras e terrenos, mas o governo tomou posse, deixando-as sem opções de trabalho. Além disso, após migrar para a capital devido à guerra, o único meio disponível para obter recursos foi ingressar no setor informal. Segundo relata a entrevistada 4:

Devido a guerra deslocou-se a Capital (residia no Kwanza Sul), quando chegou em Luanda não tinha casa, passei a viver com o irmão, consegui casa própria, com a perda do esposo (funcionário público), e com os documentos queimados durante a guerra, não consegui um trabalho semelhante ao anterior(JMPLA). Não tive outra opção a não ser ingressar neste negócio para poder sustentar os filhos (ENTREVISTADA 4).

Analisando os três grupos, deduz-se que as feirantes ingressaram na atividade informal pela falta de oportunidade no mercado de trabalho como também pelo baixo nível de escolaridade. Além disso, deduz-se que o motivo pelo qual as feirantes atuam no setor de hortícola, baseia-se nos seguintes fatos: uma parte significativa das feirantes dedicava a sua vida ao campo, como principal meio de sobrevivência; além disso, tem-se a percepção de que, as feirantes são provenientes da região Sul do país, zona que abastece o mercado Catinton, com produtos hortícolas. Estes fatores influenciariam no fato das comerciantes estarem inseridas no setor de hortícolas. Mesmo não oferecendo melhores condições que todo trabalhador deseja, é no mercado Catinton onde as feirantes encontram oportunidade de trabalho e sustento. Uma vez que o setor informal não exige qualificação, a capacidade de executar um simples cálculo e adotar formas de gestão, de acordo com suas limitações de conhecimento, possibilita a inserção das feirantes neste setor.

Concernente ao auxílio ou à contratação de outros trabalhadores, no local de comércio dos produtos hortícolas, os dados detalham que vinte (20) das entrevistadas não contratam trabalhadores e não contam com o auxílio de membros familiar, sendo que, apenas, três (3) afirmaram receber ajuda de familiares. As comerciantes não

contratam outros trabalhadores, porém, diariamente pagam 100kz a um “ajudante”, na maioria das vezes são roboteiros, que transportam a mercadoria do local de venda até o local de conservação. Este quadro apresenta-se como mais uma das características do circuito inferior da economia, uma vez que, os comerciantes trabalham por conta própria. Conforme relatou a entrevistada 19: trabalhamos sozinha, pois não temos condições para pagar trabalhador. No circuito inferior da economia, a relação entre o empregador e o empregado é estabelecida por meio do contrato pessoal, seguindo a lógica do mercado (PORTO, 2005).

Outra característica, que reforça a ideia de inclusão da Feira no circuito inferior da economia é a inclusão do trabalho familiar. Segundo Santos (1977), no setor inferior é comum a escolha de familiares. Além disso, para Santos (2004), a frequência de membros familiar é uma forma de substituir o trabalho assalariado e evitar encargos sociais. Algumas feirantes afirmaram que não possuem ajuda dos membros familiares porque os filhos são crianças. Mas, em muitos casos, é possível notar a presença de crianças comercializando na feira. A inexistência de trabalhadores possibilita manter o ritmo do negócio de modo que não haja prejuízo e o rendimento obtido permita a sobrevivência do vendedor e de sua família. Neste setor, inexistente outro tipo de benefício além do lucro e sustento diário, que possa suprir despesas com trabalhador. Portanto, toda atividade a ser executada é de inteira responsabilidade do feirante, o que torna a jornada de trabalho muito cansativa, além de longas horas de trabalho.

Referente às horas de trabalho (diariamente), com base na tabela 8, apresentam-se as seguintes características: as feirantes trabalham em média, entre 8 a 14 horas por dia. Iniciam suas atividades as 5h, horário de funcionamento do mercado e horário em que adquirem as mercadorias carregadas em caminhões, em seguida, montam as suas bancadas a fim de comercializar os produtos. Além disso, o horário de trabalho depende da procura pelos bens por parte dos clientes, em caso de demanda baixa, o trabalho termina mais cedo, porém, o horário habitual de conclusão da atividade econômica é as 19 horas. Segundo Diário da República⁵ (2015), de acordo a lei geral do trabalho, em Angola, as horas normais de trabalho não podem exceder 8 horas por dia e 44 horas por semana, no caso de trabalho

⁵ Diário da República é um órgão oficial da república de Angola. Ou jornal oficial da República angolana. Está disponível em:< <http://apiexangola.co.ao/wp-content/uploads/2016/01/LEI-N.%C2%BA-7-15-DE-15-DE-JUNHO-LEI-GERAL-DO-TRABALHO.pdf>>. Data de acesso: 29 abr. 2018. Publicado em 05 jun. 2015.

intermitente ou trabalho flexível é permitido um limite de 9 a 10 horas no máximo. As horas de trabalho na Feira excedem o limite, podendo atingir entre 12 a 14 horas por dia, e 72 a 84 horas por semana, respectivamente.

Aos domingos a Feira não abre, mas é possível encontrar comerciantes no exterior do mercado, fora este dia, todos outros dias a atividade ocorrer normalmente, inclusive nos feriados a movimentação é maior. Portanto, para as comerciantes não existe período de férias e feriados. Segundo Santos (2004), o trabalho intensivo é caracterizado como um dos elementos do circuito inferior, Neste sentido, o número excessivo de horas, reforçou a inclusão da comercialização de hortícolas dentro do circuito inferior.

Quanto ao tempo de experiência no comércio a **Erro! Fonte de referência não encontrada.** detalham que seis (6) entrevistadas afirmaram ter cinco (5) anos de experiência, seis (6) afirmaram ter até 10 anos de experiência e no (9) dos consultados acima de 10 anos de experiência. Analisando os três grupos, entende-se que a maioria das entrevistadas estão inseridas no setor informal há bastante tempo. Uma vez que a Feira tem nove anos de existência, o longo período de experiência no negócio, não é apenas em relação à comercialização de hortícolas no Catinton, mas representam uma trajetória de vida atuando em vários mercados informais, comercializando produtos que talvez não sejam apenas hortícolas.

Com base no exposto acima, deduz-se que as entrevistadas não atuam em outro setor além do mercado informal, conforme afirma a entrevistada 20, que começou a atuar neste negócio desde que chegou a Luanda, nunca trabalhou em uma empresa e, por isso, possui 25 anos de experiência no setor informal. Além disso, a entrevistada 14 afirmou que começou a atuar no setor de hortícola desde que a Feira passou a existir, mas antes vendia os seus produtos no mercado do prenda. A entrevistada 18 relatou que, exerce a função desde que se uniu ao seu esposo e constituíram família. Este quadro mostra a dependência pela economia informal por parte das consultadas, estas, por sua vez, dedicam toda sua vida a exercer esta atividade, constituindo assim a principal atividade diária, que ao longo do tempo tornou-se um costume ou uma rotina. Diante disso, entende-se que a informalidade sempre esteve presente na vida das entrevistadas.

A mudança do local de venda ocorre pelos seguintes motivos: por um lado, pela busca do aumento no fluxo de venda, conforme o relato da entrevistada 3, sobre o fato de que, no mercado pequeno, a venda é baixa, há poucos clientes em relação

aos grandes mercados; por outro, pela reestruturação dos mercados, os feirantes optam pelos mercados mais próximos de suas residências, tal ponto será apresentado nos próximos itens. A tabela 9, a forma como é formado os preços, a concorrência, o lucro obtido com a atividade, a questão do imposto e as dificuldades no setor de hortícolas.

Tabela 9 - Formação de preços, concorrência, rendimento obtido e pagamento de imposto no setor de hortícolas, Feira Catinton.

A forma como as feirantes decidem os preços	Total
Em função do preço de mercado	2
Com base no valor investido em cada compra	16
Em função do tamanho e estado de conservação do produto	2
Não respondeu	3
Concorrência entre os vendedores	Total
Sim	2
Não	10
Não responderam	11
Estimativa do lucro líquido (mensal)	Total
Abaixo do salário mínimo (5000kz)	1
Abaixo do salário mínimo (12000kz)	2
Entre 1 e 2 salário mínimo (30000kz)	6
Depende do fluxo de venda e do valor investido	13
Não respondeu	1
Pagamento de impostos para o governo	Total
Sim	0
Não	23
Principais dificuldades e ameaças neste negócio	Total
Produto estragar: questões logística	23

Fonte: Pesquisa de campo (2018)

Os principais produtos hortícolas comercializados pelas feirantes são: cebola, Tomate, repolho, pepino, pimenta, cenoura, salsa, couve, alface, berinjela, quiabo, Couve, gimboa, rama e Mengueleca. A diversidade de produtos a ser vendido por cada comerciante pode variar entre um (1) até cinco (5) produtos. Segundo a tabela 9, a fixação dos preços depende muito do valor investido na compra de cada mercadoria e da relação entre os agentes (vendedor e cliente). Como os fornecedores são os mesmos, há pouca chance de existir disparidade na fixação dos preços, no caso do tomate, as feirantes afirmaram que compram a 5000kz, com base neste valor, as feirantes fixam um preço que possibilita o retorno do valor investido e do lucro. A Feira oferece produtos hortícolas em grandes quantidades e a preços menores, pois

comercializam as mercadorias diretamente das fazendas. Em função disso, os preços acabam sendo acessível em relação aos mercados formais.

O preço não é fixo, devido ao fato do cliente recorrer ao desconto, o preço pode baixar. Além disso, quando o produto apresenta um aspecto murcho e no caso de excesso de estoque a tendência é baixar o preço de modo a evitar grandes prejuízos. O preço a retalho é formado por monte, ou seja, se junta sete unidades de um bem para ser vendido a 50, 100 ou 200kz, dependendo do tamanho e quantidade, normalmente este preço também serve para as demais hortaliças. A grosso é vendido em baldes, caixas e sacos a preço determinado. A venda é efetuada sempre a vista.

Quanto à concorrência, deduz-se que talvez as feirantes não tenham compreendido exatamente a questão, porém, por intermédio de outros questionamentos obteve-se a seguinte percepção: o mercado tem uma regra de concorrência própria. Por exemplo: se a vendedora A determinar o monte de tomate a 100kz (preço do mercado) e a vendedora B fixar o monte por 90kz (preço por opção), os clientes acabam por preferir o produto com menor custo pelo fato dos mesmos não possuírem aspecto diferente, em termo de qualidade e cuidados. Além disso, as demais feirantes acabam por se aperceber, devido ao fato de estarem a vender em locais muito próximos, qualquer método usado, por uma das feirantes, para atrair o cliente é rapidamente captada pelas outras. A postar no investimento do negócio (quantidade e diversidade de produtos) também representa concorrência entre os comerciantes.

A tabela 9 mostra uma estimativa do lucro líquido das entrevistadas, obtidos mensalmente, distribuídos da seguinte forma: os dados detalham que três (3) das entrevistadas têm um lucro mensal abaixo do salário mínimo (15.003,00kz constitui a base do salário mínimo, no setor de agricultura); seis (6) entrevistadas arrecadam, mensalmente, entre um e dois salários mínimos; com maior representatividade, 13 entrevistadas afirmaram que o lucro depende do fluxo de venda e do valor investido. Analisando os três grupos, entende-se que, o total do rendimento obtido pelas comerciantes é baixo, porém, a variação da renda se explica pelo valor investido na compra da mercadoria, quantidade e tipo de produto a ser comercializado e fluxo de vendas.

Compreendeu-se, também, que o baixo nível de renda está ligado as condições de conservação dos produtos. O circuito inferior é caracterizado por constituir atividade de pequena escala (SANTOS, 2004) e, na feira do Catinton, não há

disponibilidade de técnicas capazes de assegurar diariamente a conservação de produtos, principalmente os produtos de hortícolas que são bastante perecíveis. A casa de processo não possui estrutura básica para guardar produtos que necessitam de maior cuidado, por exemplo, as feirantes que vendem peixe, carne e frango voltam com os produtos em casa, para ser conservado em seus frigoríficos. Em função disso, as feirantes estocam em pequenas quantidades para evitar perda com produtos estragados. Além disso, verificou-se certa dificuldade por parte das comerciantes em contabilizar o lucro, sendo possível apenas estimar uma renda que varia entre meio a dois salários mínimo, mensalmente. Entendeu-se ainda que a arrecadação pode crescer acima de dois salários mínimo, dependendo dos dias.

Com base no exposto acima, entende-se que a variação na renda não constitui barreira para que estes feirantes continuem a exercer suas atividades. Os comerciantes não se prendem ao valor do lucro, ou seja, o lucro destina-se a sobrevivência (necessidades básica diária), o principal objetivo é assegurar a vida imediata. A tabela 9 apresenta-se como mais uma das características do circuito inferior, quanto ao nível de capital na atividade econômica. Conforme afirma Santos (2004), a referida economia é de baixo capital, mal remunerado e o lucro não determina a continuação do negócio, como se verifica no setor de grande capital.

Além disso, há certa dificuldade por parte das comerciantes em adotar técnicas de gestão, o que dificultaria manter o controle do retorno. Segundo as entrevistadas, o lucro não é contabilizado, apenas, tem-se o controle do valor investido. Ao finalizar do dia de trabalho, contabiliza-se as despesas (tanto do final do dia como do dia seguinte), após o orçamento, é elaborado o balanço para analisar o sucesso das vendas, se não houver superávit significa que o valor atribuído às despesas é o lucro. A análise é finalizada com o término das vendas.

A variação nas vendas afeta a viabilidade do negócio. A demanda pelos produtos da feira depende de alguns fatores, tais como: calendário agrícola, as estações do ano, o pagamento dos funcionários públicos e datas comemorativas, entre outros. As comerciantes afirmam que a situação de prejuízo é constante, neste caso, o esposo ou outro membro da família ajuda, em outros casos, faz-se quilápi⁶ nas colegas ou nos fornecedores (comprar mercadoria a crédito).

⁶ Quilápi é uma expressão luandense, referir-se a venda/compra a crédito, entre os agentes informais. Constitui uma forma de empréstimo, comum nos mercados informais de Luanda.

O método de gestão usado pelas comerciantes é a quixiquila (expressão da gíria luandense), que se constitui no ato de poupança, os vendedores reúnem-se e estipulam um valor diário a ser entregue, a cada semana todos disponibilizam o valor estipulado, formando um montante, esse valor é entregue a uma pessoa, ou seja, na semana uma pessoa recebe, até fechar o ciclo. Essa prática não é constante, principalmente, quando o negócio está em baixa, mas é um meio que ajuda as comerciantes a ter dinheiro na reserva. As comerciantes criam próprias formas de gerenciar o negócio, que melhor lhes favorece. Este ponto apresenta-se como um dos elementos do circuito inferior, uma vez que, o trabalhador nesta economia não tem o privilégio diante as instituições financeiras. As feirantes não possuem o hábito de guardar dinheiro no banco, o dinheiro é guardado em casa.

Quanto à organização do trabalho, apresentam-se as seguintes características: os produtos de hortícolas que abastecem o mercado são transportados em caminhões e provém das províncias do Kwanza Sul, Benguela e Huambo na Feira Catinton, é comum transportar as mercadorias, dos locais de compra para onde são comercializadas, usando o carrinho de mão (feito a madeira), nos ombros do carregador ou pelas feirantes. Há uma divisão de trabalho, tanto no setor de hortícolas como em outros setores, os homens ocupam tarefas que exige maior força de trabalho, enquanto que as mulheres encarregam-se das atividades com menos esforço. Ou seja, na Feira há uma divisão de tarefas, distribuídas por sexo. Algumas atividades desenvolvidas no mercado são executadas exclusivamente por homens, como: carregar produtos em caminhões, carregar mercadorias em carrinhos de mão, fiscalizar a feira, vendas de matérias eletrônicos, alfaiates, etc.

Figura 8 - Feira Catinton: Transporte de mercadorias em carrinhos de mãos.



Fonte: Pesquisa de campo (2018)

No circuito superior a organização obedece a um parâmetro legal, ao passo que no circuito inferior e na Feira Catinton, para iniciar um negócio não é necessário cumprir procedimentos legais. Os vendedores simplesmente ocupam o espaço, pois os responsáveis do mercado não conseguem fiscalizar todos os vendedores que ali comercializam. As feirantes-comerciantes vendem em condições muito precárias, os produtos são expostos em lonas, caixas, sem métodos de conservação. Não possuem balanças, os produtos são estipulados por balde, quilo e monte. A forma de comercializar os produtos representa o caráter primitivo no circuito inferior.

Figura 9 - Feira Catinton: Produtos comercializados em lonas



Fonte: Pesquisa de campo (2018)

A Feira pertence a uma entidade privada e o Governo de Luanda aprova que o espaço se destina a comercialização de diversos produtos. Para ocupar o local de venda é necessário pagar uma taxa municipal diária, entre 150 a 350kz, o valor depende do lugar e quantidade de produtos comercializados. A taxa municipal permite manter o funcionamento geral do Mercado e o pagamento de 300.000kz mensal ao governo.

Diante do exposto acima, se observou que no local existem necessidades de saneamento básico, sendo assim, uma vez que os vendedores pagam uma taxa, tal situação deveria ser repensada. Sendo assim, apresentam-se as seguintes sugestões: os responsáveis do mercado deveriam preocupar-se em melhorar as condições precárias no local de trabalho, principalmente, a questão de infraestruturas, a fim de que todos os trabalhadores tenham o benefício do seu pagamento. Além disso, o poder público deveria adotar formas de alocar estes trabalhadores, em áreas reservadas que possuem condições para exercer tais atividades. Isso irá permitir a redução de mercados inseridos em locais não apropriados, de modo a evitar

transtorno e proporcionar um espaço adequado que ofereça mínimas condições aos feirantes.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo é um campo a ser explorado, pois os estudos relacionados ao comércio de hortícolas, no Mercado Catinton, ainda são reduzidos. Entretanto, o presente trabalho propôs-se analisar os aspectos socioeconômicos que influenciam na comercialização informal de produtos hortícolas na perspectiva da teoria dos dois circuitos de Milton Santos. A análise foi construída sobre o conceito e as características do circuito inferior da economia, presentes no Mercado Catinton. Neste caso, o circuito inferior entra, como elemento indispensável na compreensão da economia urbana em Luanda (Angola).

A percepção de que o Mercado do Catinton constitui uma das manifestações do circuito inferior, foi o principal ponto de partida para o desenvolvimento da pesquisa. Percebeu-se que a maioria das características do circuito inferior, apresentadas por Santos, está presente no comportamento da Feira em todos os aspectos, dos quais destacam-se: a forma simples na venda dos produtos, o baixo nível de capital investido, a presença de membros da família no local de trabalho, baixo estoque de produtos para a comercialização, a falta de crédito, a questão da logística de armazenamento, a precarização do trabalho e os meios de transportes utilizados para transportar as mercadorias, entre outros.

A teoria dos dois circuitos da economia urbana detalha que, o conhecimento da evolução histórica de qualquer fenômeno, ou em alguns casos, do local onde ele se manifesta é indispensável para a atual compreensão do mesmo. Neste contexto, o espelho histórico da paisagem de Luanda foi de grande relevância para compreender a crescente evolução da comercialização de produtos hortícolas na Feira estudada. O quadro histórico da cidade capital é marcada pela origem da população que a construíram e pela sua estrutura urbana não planejada.

Luanda sendo uma cidade não industrializada, a configuração do espaço é caracterizado pelo descontrolado crescimento populacional, induzidos pelas sucessivas vagas de deslocados de guerra, pelos migrantes atraídos para a cidade em busca de melhores condições de vida, pelas elevadas taxas de crescimento natural e pelo crescimento do nível de pobreza urbana (no qual os cidadãos são forçados a responder aos elevados custos de vida, num cenário que se traduz na precariedade da principal remuneração monetária) apresentam-se como principais

fatores que sustentam o crescimento das atividades informais em diversos bairros periféricos de Luanda.

Diante do exposto acima, foi possível visualizar a Feira do Catinton no espaço e compreender que a informalidade além de estar presente no circuito de compra e venda, necessita do espaço para se manifestar. Assim os vários mercados informais de Luanda, assumem um papel importante para a cidade, para os habitantes no seu entorno e para os agentes que a frequentam. Conclui-se que os aspectos socioeconômicos que influenciam na comercialização informal de produtos hortícolas no mercado Catinton é em função da precariedade que o espaço apresenta, devido ao conflito militar que se estendeu por todo país.

Verificou-se também que existência de um mercado informal relacionado com a posse e uso de terra que envolve, venda e revenda, sempre foi tolerado pelas autoridades governamentais, como forma de reverter um problema relacionado a existência de um mercado formal (instituições públicas e privada) que apresenta crescente incapacidade na satisfação das necessidades mais básica da população. Em função disso, o crescimento continuo das atividades informais asseguram a sobrevivência de grande parte das famílias.

A análise do cenário socioeconômico de Angola, possibilitou obter a seguinte percepção: o país possui um crescimento econômico favorável, capaz de proporcionar melhorias frente às condições que o espaço vivencia, porém crescimento econômico não implica desenvolvimento. A solução da pobreza não se resume basicamente no crescimento econômico, este por sua vez, não pode ser considerado um fim em si mesmo, tem de estar relacionado com a melhoria de vida dos indivíduos. O país necessita de políticas eficientes voltadas para o desenvolvimento, políticas essas que transformam vidas de milhares de pessoas vivendo em condições de miséria

Catinton é um dos principais mercados que comercializa produtos agrícolas, além deste setor existe outros como: diversos e de roupas usadas. Porém a presente pesquisa limitou-se em estudar apenas as feirantes que comercializam hortícolas. A pesquisa mostrou-se limitada em função da inexistência de dados e tempo suficiente para estender o estudo. Por esses e outros motivos, sugere para futuras investigações continuação do estudo, na perspectiva do fornecedor e consumidor no setor de hortícola; o funcionamento do Mercado em todos os setores e a participação da mulher no setor de hortícola no Mercado Catinton.

REFERÊNCIAS

- BANCO MUNDIAL. **Angola: aspectos gerais**. 2016. Disponível em: <<http://www.worldbank.org/pt/country/angola/overview>>. Acesso em: 29 abr. 2018.
- BANCO MUNDIAL. **Dados Angola (1960-2015)**. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/SP.DYN.LE00.IN?locations=AO&view=chart>>. Acesso em: 03 mai. 2018.
- BENTO, Domingos. Catinton e Trinta: As dificuldades convivem com a simpatia dos preços. **Novo Jornal**, Luanda, 19 mar. 2014. Disponível em: <<http://www.novojornal.co.ao/reportagem/interior/catinton-e-trinta-as-dificuldades-convivem-com-a-simpatia-dos-precos-4736.html>>. Acesso em: 23 mar. 2018.
- CACCIAMALI, Maria Cristina. **Um estudo sobre o setor informal urbano e formas de participação na produção**. 1982. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- CIDADÃO.GOV.AO, Portal. **Plano Nacional de Desenvolvimento 2013-2017**. 2014. Disponível em: <<http://www.cidadao.gov.ao/VerPublicacao.aspx?id=1264>>. Acesso em: 03 maio 2018.>. Acesso em: 03 maio 2018.
- DUM, João Ernesto Eduardo. **Mercados informais do município Sumbe da província do Cuanza Sul: uma evidência empírica**. 2014. Tese de Doutorado.
- FAO **Agricultura urbana**. 2017. Disponível em: <<http://www.fao.org/urban-agriculture/en/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- FAO. **Cidades mais verdes na África. Primeiro relatório sobre a horticultura urbana e periurbana**. 2013. Disponível em: <<http://www.fao.org/docrep/017/i3002p/i3002p.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2017
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisas Social**. 4. ed. São Paulo: Atlas S. a, 1995. 207 p.
- HANDA, Regina. Mercado do Catinton abastece Luanda com produtos hortícolas em quantidade. **Economia e Finanças**, 31 mar. 2017. Disponível em: <<http://jornaldeeconomia.sapo.ao/capa/mercado-do-catinton-abastece-luanda-com-produtos-horticolos-em-quantidade>>. Acesso em: 23 mar. 2018.
- HONDA, Yohane Figueira; GOMES, Sérgio Castro; CABRAL, Eugênia Rosa. **AGRICULTURA FAMILIAR EM ÁREA PERIURBANA DO MUNICÍPIO DE ANANINDEUA-PA: PRÁTICAS E ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS**. 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/33468/18800>>. Acesso em: 13 mar. 2018.
- INE. **Inquérito de Indicadores Múltiplos e de Saúde (IIMS) 2015-2016**. 2017. Disponível em: <http://www.ine.gov.ao/xportal/xmain?xpid=ine&xpgid=publications_detail&publications_detail_qry=BOUI=44876911&xlang=undefined>. Acesso em: 01 maio 2018.
- INE. **Resultados Definitivos do Recenseamento Geral da População e Habitação de Angola**. 2014. Disponível em: <http://www.ine.gov.ao/xportal/xmain?xpid=ine&xpgid=publications_detail&publications_detail_qry=BOUI=44876911&xlang=undefined>. Acesso em: 10 Abril 2018.

Jornal Angola. **Domínio do sector informal na economia é preocupante**. Luanda, 22 mai. 2017. Disponível em: <http://jornaldeangola.sapo.ao/economia/dominio_do_sector_informal_na_economia_e_preocupante>. Acesso em: 12 jun. 2018.

LOPES, Carlos M. Candongueiros, kinguilas, roboteiros e zungueiros Uma digressão pela economia informal de Luanda. **Lusotopie**, XIII(1), p.163-183, 2006. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/lusotopie/1505>>. Acesso em: 26 mar. 2018.

LOPES, Carlos M. A economia informal em Angola: breve panorâmica. **Revista Angolana de Sociologia**, n. 14, p. 61-75, 2014. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/ras/1094>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

LOPES, Carlos Manuel Mira Godinho Fernandes. **Elementos sobre o comportamento de compra em mercados informais**: estudo de caso no mercado Roque Santeiro (Luanda) [Em linha]. Lisboa: ISCTE-IUL, 2008. Tese de doutoramento. Disponível em: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/11879>>. Acesso em: 03 mar.2018.

LUANDA, Governo Provincial de. **Municípios e Cidades**. 2015. Disponível em: <<http://www.luanda.gov.ao/InformacoesProvinciais.aspx?tipo=Cidades>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

MENEZES, Neusa. Principais Mercados de Luanda com muitos produtos agrícolas vindos de outras províncias. **Angola Bela**, 11 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.angolabelazebelo.com/2013/11/principais-mercados-de-luanda-com-muitos-produtos-agricolas-vindos-de-outras-provincias/>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

MAPAS, Google. **Mapa Político de Angola**. 2018. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Mapa+Político+de+Angola&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwieupndm83bAhWIFpAKHaACDDEQ7AkINg&biw=1366&bih=662#imgrc=diEp9LwcFAB2zM:>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

Novo Jornal. **Pobreza extrema Cresce em Angola**. Luanda, 26 dez. 2017. Disponível em: <<http://novojournal.co.ao/sociedade/interior/pobreza-extrema-cresce-em-angola-mais-de-8-milhoes-de-angolanos-vivem-com-menos-de-125-usd-por-dia-48088.html>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

OIT. **A OIT e a Economia Informal**. 2006. Disponível em: <http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/economia_informal.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2018.

PORTO, Gil Carlos Silveira. **CONFIGURAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL E INSERÇÃO DAS FEIRAS LIVRES DE ITAPETINGA-BA E ARREDORES NO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA**. 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19361/1/Gil_Carlos_Silveira_Porto.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.

PNUD em. **Avaliação Rápida e Análise de Lacunas | Angola**. 2015. Disponível em: <<http://www.ao.undp.org/content/angola/en/home/search.html?q=Avaliação+Rápida+e+Análise+de+Lacunas+|+Angola>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

PNUD. **Relatório sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio**. 2015. Disponível em: <<http://www.ao.undp.org/content/angola/en/home/search.html?q=Avaliação+Rápida+>>

e+Análise+de+Lacunas+|+Angola>. Acesso em: 03 maio 2018.

PNUD. **Relatório Geral sobre Desenvolvimento Humano**. 2016. Disponível em: <<http://www.ao.undp.org/content/dam/angola/docs/documents/FINAL.%20PPP.%20HDR%202016%20April%2026.%202017.pdf>>. Acesso em: 25 abril 2018.

PNUD. **Objetivos do desenvolvimento do Milênio**. 2005. Disponível em: <<http://www.undp.org/content/dam/undp/library/MDG/english/MDG%20Country%20Reports/Angola/MDGANG2005-port.pdf?download>>.

REGITZ MONTENEGRO, Marina. A teoria dos circuitos da economia urbana de Milton Santos: de seu surgimento à sua atualização. **Revista Geográfica Venezuelana**, v. 53, n. 1, 2012.

SANTOS, Milton. **O espaço Dividido**. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, Milton. **Boletim paulista de geografia**. 1977. Disponível em: <http://miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2011/08/Desenvolvimento-economico-e-urbanizacao-em-paises-subdesenvolvidos_MiltonSantos_1977.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2018.

SILVA, Teresa Cruz e. **O papel da Associação dos Operadores e Trabalhadores do Sector Informal - ASSOTSI**. 2005. Disponível em: <<http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/assotsi.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

SILVA, Patrícia Oliveira da. **A reprodução da agricultura familiar na Região Metropolitana de Belém no início do século XXI: um estudo acerca dos agricultores dos bairros de Almir Gabriel e Uriboca no município de Marituba (PA)**. 2012. Disponível em: <<http://livrozilla.com/doc/1556390/a-reprodução-da-agricultura-familiar-na-região>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

SODEPAC. **Um contributo para o desenvolvimento sustentável de Angola**. 2013. Disponível em: <<http://sodepacangola.com/joomla/pdfs/cap1.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Título da pesquisa: **A COMERCIALIZAÇÃO INFORMAL DE PRODUTOS HORTICOLAS NO MERCADO DO CATINTON EM LUANDA.**

1 sexo: () Masculino () Feminino **Idade:** _____ anos

2 Onde você reside?

() Bairro Gameck () Vila do Gameck () Bairro Rocha Pinto () Gameck a direita

() Bairro Catinton () Outro, qual? _____

Possui residência própria? () sim () não, mora como? _____

3 Qual o seu nível de escolaridade?

4 Estado civil. () casado/a () solteiro/a () separado/a () outro/a: _____

5 Número de filhos: _____ Homens: _____ Mulheres: _____

6 Este negócio constitui principal renda da família? () Sim, () Não (indique as demais fontes de renda, tanto sua, como dos membros da família) _____

7 Em média quanto arrecadas neste negócio (mensal)? Quais as despesas do negócio?

8 Como conseguiu este negócio? Voce paga para ocupar este espaço?

9 Explique os motivos que levaram a ingressar neste negocio?

10 Quantos trabalhadores a tempo inteiro (número total de pessoas que trabalham neste negócio)?

() Trabalho sozinho/a

() Ajuda de membro familiar, se sim, quantos? _____

() Possui funcionarios: () não () sim: Quantos: _____

11 Em média quantas horas dura o trabalho diariamente?

12 Quais são os principais produtos comercializados? Em que ano iniciou o negócio?

13 De onde vem os produtos comercializados?(como voce coloca os precos dos produtos? Há disputa entre os vendedores? Há pagamento de impostos para o governo?

14 Quais são as dificuldades neste negócio? Quais as ameaças?